



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

VANESSA OLIVEIRA JULIANI REGINA

A POESIA NA REVISTA ALEGRETENSE
IBIRAPUITÁ (1938/1939)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas

Data da Defesa: 25 de junho de 2014

Instituição depositária:

Núcleo da Informação e da Documentação

Universidade Federal do Rio Grande

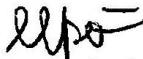
Rio Grande

2014

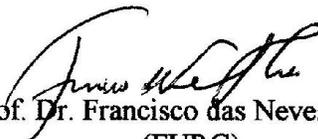
VANESSA OLIVEIRA JULIANI REGINA

**A POESIA NA REVISTA ALEGRETENSE
"IBIRAPUITÃ" (1938/1939)**

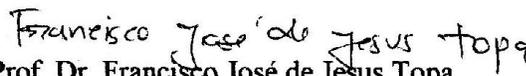
sertação aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre
as, na área de História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras
versidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação esteve constituída p
intes professores:



Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas
(FURG - Orientador)



Prof. Dr. Francisco das Neves Alves
(FURG)



Prof. Dr. Francisco José de Jesus Topa
(Univ. do Porto)

**Para Rui Neves e Hélio Ricciardi,
poetas da aldeia (in memoriam).**

A ponte do Ibirapuitã

Que alegres dias de infância,
que feliz extravagância,
tisonado de sol na frente,
perna curta atrás da bola
e a ingênua canção da escola
- tudo passou nessa ponte.

(Laci Osório)

AGRADECIMENTOS

(Quitando dívidas mais que afetivas)

Árduo foi o caminho até aqui. Caminho de pedras drummondianas guiado pela descrença de Beckett. Entretanto sempre achei que Godot viria. E chegou. De mansinho, com medo do escuro e acenando esperança ainda que tardia.

Sentamos Godot e eu sob uma árvore. A tarde caía tão serena e eu com o coração em agonia. Ele tinha o semblante tranquilo. Então, perguntei-lhe: O que vê? - Futuro. Desde então, em meio à tempestade, tenho recorrido à árvore para abrigar-me do caos.

Lembro-me de ter saído às escuras do lar materno para acordar na cidade cinza, mar aberto. Pensei ter avistado da janela do ônibus Alice bebendo seu chá. Mas não. Pura névoa. Havia apenas o subsolo de Dostoievski pronto a receber minha bagagem. Exílio contínuo. Inúmeras casas e estações a me desafiarem. Criei raízes no meu nomadismo.

Prolongaram-se os anos e Godot há tempos não aparecia. Era chegada hora de retirar-me do subsolo e alcançar a superfície. Ao longe, na nau da memória, acenavam-me com seus exemplares de *Ibirapuitã* os poetas da aldeia alegretense. Garantiram-me que tudo ficaria bem.

Enfim, aqui estamos. Sento-me sob a árvore e vejo: retorno. Godot em meio à névoa – agora já dissipada - ao fundo, tocando uma canção. Traz consigo um simpático amigo: o faroleiro Mauro. Este se senta ao meu lado. Pergunto – lhe: O que vê? - Futuro. Presenteia-me com uma belíssima arca – periódicos, papiros, memórias, tentativas. Agradeço-lhe com um sorriso tímido. Olhando - o mais atentamente, reconheço-o: é o mesmo faroleiro que, em meio à tempestade, guiou-me o caminho.

Godot e Mauro. Ambos voltaram para me dizer que é sempre possível recomeçar.

RESUMO: A revista *Ibirapuitã* foi criada pelo poeta e jornalista Felisberto Soares Coelho, em Alegrete, interior do Rio Grande do Sul, ao final dos anos trinta. O periódico promoveu a divulgação de autores locais e considerável efervescência cultural no município. No presente trabalho, busca-se o resgate da poesia veiculada pela revista em sua fase inicial, compreendida entre os anos de 1938 e 1939, por se tratar de gênero que se destaca ao longo de seu percurso editorial. Ademais, pretende-se analisar tal produção abarcada em uma organização temática, estabelecendo relações com a história da literatura. Por meio da localização, catalogação e leitura do mensário foram selecionados trinta e nove poemas, obedecendo ao critério de frequência/ocorrência de publicação de cada colaborador. Como resultado, além da análise da produção poética, pretende-se organizar uma antologia acompanhada de notas biobibliográficas e material iconográfico. Desta forma, pretende-se facilitar o acesso pela comunidade a uma das publicações que possivelmente contribuiu para a formação do sistema literário sul-rio-grandense, proporcionando abertura a novos estudos referentes à história da literatura alegretense.

Palavras-chave: poesia – revista - *Ibirapuitã* – Alegrete

ABSTRACT: *Ibirapuitã* magazine was created by the poet and journalist Felisberto Soares Coelho in Alegrete, Rio Grande do Sul, in the late thirties. The journal promoted the dissemination of local authors and considerable cultural effervescence in the municipality. In this work, we seek to rescue poetry conveyed by the magazine in its early stage, between the years 1938 and 1939, because it is gender that stands over his publishing route. Furthermore, we intend to analyze such production encompassed in a thematic organization, establishing relationships with the history of literature. By locating, cataloging and reading the monthly magazine were selected thirty-nine poems, following the criterion of frequency / occurrence of publication of each employee. As a result, besides the analysis of poetic production, we intend to organize a guided anthology biography notes and iconographic material. Thus, it is intended to facilitate access by the community to one of the publications that possibly contributed to the formation of the Rio Grande do Sul literary system, providing openness to new studies related to alegretense history of literature.

Keys – word: poetry - magazine - *Ibirapuitã* - Alegrete

SUMÁRIO

Considerações iniciais	8
Capítulo 1 Um pouco de história	
1.1 Periodismo literário no Rio Grande do Sul: revistas.....	12
1.2 A poesia no Rio Grande do Sul: anos 30.....	15
1.3 Fortuna crítica.....	17
1.4 <i>Ibirapuitã – Mensário de Sociedade, Literatura e Arte</i> : primeiros anos.....	21
Capítulo 2 A poesia na revista alegretense <i>Ibirapuitã</i> (1938-1939)	
2.1 Critérios de seleção, tematizações e poemas selecionados.....	39
2.1.1 Regionalismo.....	41
2.1.2 Tempo, memória e infância.....	45
2.1.3 O político- social.....	51
2.1.4 A cidade.....	59
2.1.5 O amor.....	58
2.1.6 Religião.....	69
2.1.7 Identidade.....	70
Considerações finais	73
Referências Bibliográficas	76
Anexos	
a) Antologia.....	79
b) Notas biobibliográficas.....	101
c) Material iconográfico.....	104

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As fontes primárias representam para os estudos literários uma possibilidade de reescrita e releitura da história da literatura, fornecendo outro viés de investigação ao pesquisador, para além do objeto *livro*. Compreende-se por fonte primária aquela que constitui matéria da história e que, com base em documentos do passado, reconstrói uma narrativa.¹ Uma fonte é primária em relação a um produto secundário, mas pode ser secundária se confrontada com um acontecimento que a antecedeu, e assim por diante.²

Tais fontes auxiliam na reconstrução de um espaço e de uma temporalidade, em que verificamos historicamente seu contexto cultural e social, e no caso da Literatura, permitem-nos reinterpretar a formação de seu sistema literário, compreendido como o conjunto formado por produtores literários, receptores e um mecanismo transmissor.³

Jornais e revistas, exemplos de fontes primárias, sempre foram espaços alternativos para publicação do texto literário. A relação entre imprensa e literatura existente desde os primórdios das atividades tipográficas no Brasil no século XIX, possibilitou a autores a divulgação de suas obras.

No Rio Grande do Sul não foi diferente, haja vista a expressiva quantidade de periódicos a surgirem desde o princípio da literatura no Estado, como por exemplo, a *Revista Mensal do Partenon Literário* (1869-1879). Já no interior gaúcho, a mesma prática se fez na cidade de Alegrete.

Localizada a oeste do estado do Rio Grande do Sul, com aproximadamente setenta mil habitantes, caracteriza-se por uma forte economia voltada para atividades agropecuárias e banhada pelo rio Ibirapuitã. Considerada a terceira capital da República Rio-Grandense à época da Revolução Farroupilha, foi elevada à categoria de cidade em 1857.

As atividades tipográficas e de imprensa neste município datam do século XIX, iniciando em 1876 com a vinda do primeiro prelo de ferro. Por meio deste equipamento, alguns jornais já haviam sido impressos em outras localidades, tais como *O Tempo*, em Rio Grande, em 1860; e o *Jornal do Comércio*, em Pelotas, em 1873. Em 1902, surgia a Livraria

¹ Cf. ZILBERMAN, 2004, p.15.

² Cf. ZILBERMAN, 2004, p.20.

³ Cf. CANDIDO, 2009, p.23.

Alegretense, fundada por Eduardo Palma, com oficina tipográfica e encadernação, em anexo. Entretanto, o empreendimento teve curta duração, já que era filial de outra livraria.⁴

Em 1904, por iniciativa de José Fredolino Prunes e Lourenço Prunes, conhecidos pela alcunha de “irmãos Prunes”, foi fundada a Livraria e Tipografia O Coqueiro. Considerado o ponto de partida para o desenvolvimento da arte gráfica em Alegrete por trazer máquinas e materiais modernos, o estabelecimento comercializava livros impressos e em branco, além de artigos de papelaria e escritório. Localizava-se na Rua Gaspar Martins, 88.⁵

O primeiro jornal a circular em Alegrete chamava-se *O Americano*, órgão oficial da República Rio-Grandense. Foi fundado em 24 de setembro de 1842, sendo veiculado às quartas - feiras e aos sábados. Teve 36 edições e perdurou até 1.º de março de 1843. Já o jornal *Estrela do Sul*, órgão oficial da República Rio-Grandense, foi o segundo periódico a ser editado em Alegrete, em 1843. Com a mesma frequência de publicação de *O Americano*, teve apenas três edições e foi extinto em 15 de março de 1843.⁶

Inúmeras foram publicações de cunho político, a saber: *Estrela do Sul* (1843), Órgão Oficial da República; *O Alegretense* (1858), sob a direção de José Seixas e Cap. José Evaristo dos Santos; *A Justiça* (1871), sob a direção e redação de Qorpo Santo; *Jornal do Comércio* (1876), editado por Arthur Lara Ulrich e *O Século* (1881-1882), com redação e direção de Luiz Araújo Filho.

A imprensa em alegretense até 1881 foi representada maciçamente por jornais de tendência política. No entanto o jornal *Gazeta de Alegrete*, fundado por Luis de Freitas Valle em 1882, é considerado um divisor de águas na imprensa local. Responsável pela transição do conteúdo político para o noticioso destacava-se como órgão do Partido Republicano e representava a propaganda abolicionista. Em 1883, passou a circular pelas mãos de José Celestino Prunes até 1893 quando da sua interrupção devido à Revolução Federalista. A *Gazeta de Alegrete* foi substituída pelo jornal literário *Til*, publicado pela mesma oficina, e voltou a circular em 1897. O periódico segue ativo até os dias de hoje, reconhecido como o jornal mais antigo do Rio Grande do Sul.⁷

Em meio às publicações de cunho ideológico surgem as de caráter “recreativo, literário e cultural”, que circulavam aos domingos e possuíam tipografia própria em sua

⁴ Cf. ARAÚJO FILHO, 2007, p.197.

⁵ Cf. ARAÚJO FILHO, 2007, p.197.

⁶ Cf. ARAÚJO FILHO, 2007, p.199.

⁷ Cf. ARAÚJO FILHO, 2007, p.201.

maioria. Dentre elas destacam-se: *O Helicon* (1863), fundado por Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Menna; *Eco Alegretense* (1871), sob a edição de José Elias de Almeida Neto, *O Til* (1888-1897), com direção de José Fredolino Prunes; *O Álbum* (1896); *A Sensitiva* (1899- 1900), criado por Teotônio Prunes. Já no início do século XX surge o jornal *O Alegrete* (1901); e a revista *O Íris* (1906-1908), ambos de caráter essencialmente literário sob a direção de Cirini Tiellet Prunes.⁸ Já em 1926 foi criado o semanário *Meu Jornal*, sob direção de Oswaldo Lautert. Voltada para a “literatura, arte e sociedade” a publicação tinha como redatores João Pelegrini Orengo e Aristides Partinho.

Em Alegrete, além da franca expansão da imprensa, havia um cenário cultural bastante significativo para a época. Em 1862, a cidade já possuía sua primeira casa de espetáculos: o Teatro Independência, que passaria a se chamar Teatro Treze de Maio. Este mesmo local passa a abrigar o Cine Rio Branco, a partir de 1911.⁹ Ao longo dos anos surgem outros empreendimentos culturais, tais como: Cinema do Sport Club Feminino (1916); Cinema Ipiranga (1920); Cinema Coliseu (1926); Cine Teatro América (1943); Cinema Glória (1948) e Cinema Continente (1957).¹⁰

Em meio a esse panorama cultural surgia em 1938 a revista *Ibirapuitã – Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Fundada por Felisberto Soares Coelho, o mensário dedicava-se à divulgação de autores locais e abrangeu dois períodos de circulação: de 1938 a 1939; e de 1967 a 1972, veiculado mensalmente e/ou bimestralmente.

Buscou-se por meio deste trabalho o resgate da poesia veiculada por *Ibirapuitã* em sua fase inicial (1938 - 1939). A escolha do gênero a ser analisado deu-se em razão de sua representatividade ao longo do percurso de publicação do mensário. O recorte temporal limitou-se aos dois primeiros anos de circulação do periódico em razão de seus volumes originais não se encontrarem em boas condições de preservação.

A coleta do material foi realizada por meio de fotocópias e microfilmagem nos seguintes acervos: CEPAL (Alegrete); Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) e Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS – Setor de Acervos Especiais (Porto Alegre).

Dentre um total de noventa poemas, restringiu-se para trinta e nove o número de textos selecionados, conforme critério quantitativo de frequência/ocorrência de publicação. Há onze

⁸ Cf. ARAÚJO FILHO, 2007, p.199-203.

⁹ Cf. SANTOS, 2006, p.64.

¹⁰ Cf. SANTOS, 2006, p.101.

colaboradores que contribuíram efetivamente com *Ibirapuitã* neste período, a saber: Juca Ruivo, João Otávio Nogueira Leiria, Mario Quintana, Antonio Brasil Milano, Ari Martins, Gerson Neves, Átila Casses, Túlio Chaves, Maria do Carmo Tomas, Adão Carrazzoni e Lady Nagibe. No que tange à análise dos poemas optou-se por distribuí-los em sete eixos temáticos: regionalismo; tempo memória e infância; o político- social; a cidade; o amor; religião e identidade.

O conteúdo deste trabalho está distribuído da seguinte forma: o primeiro capítulo encontra-se dividido em quatro partes: o item 1.1 apresenta breves considerações acerca do impresso *revista* e suas principais características; o surgimento do periodismo literário e sua importância na divulgação da literatura, bem como as principais revistas culturais que circularam no Rio Grande do Sul, coetâneas ao periódico *Ibirapuitã*. O item 1.2 aborda a poesia produzida no Rio Grande do Sul na década de trinta, por meio de obras e autores representativos. Já o item 1.3 discorre acerca da fortuna crítica de *Ibirapuitã*. Por fim, o item 1.4 apresenta a descrição da revista alegretense.

O segundo capítulo apresenta a análise dos poemas selecionados divididos em sete eixos temáticos: regionalismo; tempo, memória e infância; o político-social; a cidade; o amor; religião; identidade. Ambos os capítulos são seguidos pelos seguintes anexos: a) Antologia: consiste na compilação dos poemas selecionados para análise; b) Notas biobibliográficas: compõem-se de dados biográficos dos autores e suas principais publicações; c) Material iconográfico: consiste na seleção de imagens representativas do mensário, tais como: capas, editoriais, anúncios publicitários e textos.

CAPÍTULO 1 UM POUCO DE HISTÓRIA

1.1 PERIODISMO LITERÁRIO NO RIO GRANDE DO SUL: REVISTAS

O periodismo literário, originado a partir do século XVII na tradição européia, é fruto do trabalho coletivo, espaço propagador de ideias e ideologias, utilizado pelos escritores para se estabelecerem intelectualmente junto à sociedade, tanto como formadores de opinião quanto para divulgarem sua produção literária. Nos primeiros tempos de imprensa, por carecerem de condições favoráveis para publicar seus livros, autores se utilizavam do espaço alternativo concedido por jornais e revistas para consolidar seu público leitor. Esses impressos tornaram-se difusores de informação, cabendo aos jornais oferecer a leitura de notícias de teor político e com divulgação instantânea; e às revistas, variação de temas, informação mais elaborada, seguida das últimas novidades das matérias abordadas.¹¹

Embora a revista apresente caráter ligeiro, heterogêneo e com formato diferenciado, muitas vezes, interceptado pela censura ou inviabilizado por dificuldades econômicas, adquiriu forças em meio ao desenvolvimento da imprensa e se consolidou gradativamente como espaço disputado por escritores.¹² Tal periódico tornou-se popular ao longo do século XIX devido à sua configuração na Europa, favorecida pelo progresso técnico das gráficas, aumento significativo da população leitora e do custo na comercialização de livros. Sua capacidade em agregar muitas informações em uma única publicação deu-lhe vantagens em relação ao jornal.¹³

A revista, se comparada ao jornal, ampliou o público leitor ao aproximar o consumidor do noticiário seriado e imediatista, diversificando informações. Já em relação ao livro, se diferenciou por ser comercializada a baixo custo, constituída por poucas folhas e permeada por imagens, numa configuração leve, tornando-se mais acessível, já que o livro, por apresentar um custo elevado, restringia-se apenas às classes mais abastadas.¹⁴

¹¹ Cf. MARTINS, 2002, p.39.

¹² Cf. MARTINS, 2002, p.39.

¹³ Cf. MARTINS, 2002, p.39.

¹⁴ Cf. MARTINS, 2002, p.40.

Quanto à periodicidade, diferentemente do jornal, que circulava diariamente, a revista pode ser publicada semanal, quinzenal, trimestral, semestral ou, às vezes, anualmente, justamente por apresentar uma elaboração mais cuidadosa e aprofundamento de temas.

Pode-se considerar o surgimento do recurso da *ilustração*, no contexto europeu, como marco revolucionário da imprensa no século XIX e elemento modificador da revista. As ilustrações passam a estar presentes nos textos por meio de iluminuras, xilogravuras e águas-fortes, tornando-os mais atraentes para o leitor que, muitas vezes, desprovido de instrução ou até mesmo analfabeto, interpretava as informações com base nos desenhos grafados nas páginas.¹⁵

Devido a variações temporais relacionadas às circunstâncias de produção e recepção, a revista foi se modificando de acordo com as demandas da sociedade. Desta forma, surgem no século XVIII os *hebdomadários*, publicação de circulação semanal com informações de teor técnico e político; e os *magazines*, revista ilustrada de forte apelo publicitário e caráter ligeiro.¹⁶

Já no Brasil e, especificamente no Rio Grande do Sul, as atividades ligadas ao periodismo literário iniciadas no século XIX foram de fundamental importância para a divulgação de autores gaúchos. *A Revista Mensal do Partenon Literário* (1869-1879), *Revista do Globo* (1929), *Província de São Pedro* (1945) e *Quixote* (1947), dentre outras, representaram instrumentos facilitadores da consolidação do público leitor das letras rio-grandenses. Serão abordadas a seguir as principais revistas culturais e literárias que circularam no Rio Grande do Sul no século XX, coetâneas à revista *Ibirapuitã*, objeto deste estudo.¹⁷

Idealizada por Laudelino Pinheiro de Barcellos e Saturnino Pinheiro em 1883, em Porto Alegre, a Livraria do Globo, posteriormente incorporando a Editora Globo, atribuiu nova configuração cultural e literária ao Estado. Possibilitou a publicação e circulação de obras de autores locais e fomentou o cenário artístico porto-alegrense. Vinculados a essas duas iniciativas foram criados dois periódicos: a *Revista do Globo*, em 1929, sob a direção de Mansueto Bernardi, e a revista *Província de São Pedro*, em 1945, por Moysés Vellinho.

¹⁵ Cf. FERREIRA apud MARTINS, 2002, p.40.

¹⁶ Cf. MARTINS, 2002, p.43.

¹⁷ Embora o recorte temporal desta pesquisa limite-se aos dois primeiros anos de circulação de *Ibirapuitã* (1938-1939), optou-se pela abordagem das revistas *Província de São Pedro* (1945-1954) e *Quixote* (1947-1952) por contemplarem o período que antecede a segunda fase do mensário alegrentense (1967-1972).

A *Revista do Globo* circulou por mais de trinta anos, de 1929 a 1967, totalizando 943 fascículos. Editada com aproximadamente oitenta ou noventa páginas, era voltada ao público em geral e distribuída aos sábados, a cada quinze dias, no Estado gaúcho. O periódico divulgava literatura, arte, coluna social, política, moda, humor, cinema e esportes.¹⁸ O corpo redacional da revista era composto por escritores e jornalistas, além de fotógrafos, artistas plásticos e outros funcionários, congregando intelectuais de diversas áreas.

A organização administrativa era constituída por diretores, secretários e gerentes, com certa rotatividade de funções. Entre os diretores destacavam-se: Mansueto Bernardi, Octávio Tavares, Erico Veríssimo, Luís Estrela, Justino Martins, Henrique d'Ávila Bertaso e José Bertaso Filho. Já entre os secretários constavam nomes como Erico Veríssimo, Luís Estrela, Henrique Maia, Mario de Almeida Lima, João Freire, Antônio Goulart, Ney Fonseca e Flávio Carneiro. E os gerentes Arnaldo Bard, Henrique Maia, Mário de Almeida Lima e João Freire.

Já a revista *Província de São Pedro* surgiu por iniciativa dos intelectuais Moysés Vellinho e Henrique Bertaso. De caráter essencialmente literário, sua circulação compreendeu o período de 1945 a 1954. Entre os colaboradores figuravam nomes como Guilhermino Cesar, Lothar Hessel, Mansueto Bernardi, Augusto Meyer, Telmo Vergara, Dante de Laytano, Otelô Rosa, Cyro Martins, Mario Quintana, Damasceno Ferreira, Darcy Azambuja, Dyonélio Machado, Walter Spalding, Manoelito de Ornellas, Reynaldo Moura, Viana Moog, Erico Veríssimo, dentre outros. O impresso compunha-se de aproximadamente 180 páginas, por volume, totalizando 21 números, com artigos de literatura, folclore e filologia portuguesa.¹⁹

Em 1947 surge a revista *Quixote*. Composta por cinco números que circularam até o ano de 1952, o periódico originou-se do Grupo Quixote, que pretendia renovar as letras rio-grandenses e modificar o cenário cultural gaúcho. Diferentemente das publicações vinculadas à Livraria e Editora Globo, o periódico *Quixote* subsistia com recursos próprios e com o apoio de anúncios publicitários veiculados nas edições.

A revista publicava ensaios críticos, contos, crônicas, poemas, resenhas de livros e notícias culturais. Ao longo dos cinco volumes publicaram 56 escritores, mas nem todos integrantes do grupo. Destacavam-se Raymundo Faoro, Wilson Chagas, Sílvio Duncan,

¹⁸ Cf. MOREIRA, 2005, p.11.

¹⁹ Cf. MOREIRA, 2008, p.3.

Vicente Moliterno, Heitor Saldanha, Milca Helena, João Francisco Ferreira, Fernando Jorge Schneider, Nathaniel Guimarães e Joaquim Azevedo.²⁰

Dentre as principais publicações culturais à época de *Ibirapuitã*, a *Revista do Globo* representou importante iniciativa editorial para o Rio Grande do Sul. Ao contrário dos demais periódicos, contou com forte apoio financeiro e publicitário, atrelada à Livraria e Editora Globo; além de concentrar suas atividades na efervescência cultural da capital porto-alegrense.

Tais impressos contribuíram para a preservação da memória literária do Estado, cedendo espaço a autores renomados e desconhecidos, bem como oportunizando aos pesquisadores do campo literário um novo viés de compreensão da história da literatura.

1.2 A POESIA NO RIO GRANDE DO SUL: ANOS 30

A década de 30 no Brasil, também conhecida como “Era Vargas”, foi permeada por manifestações de cunho político, tais como a Revolução de 30; Revolução Constitucionalista, em 1932; a Intentona Comunista, em 1935 e o Levante Integralista, em 1938. Nesta época a imprensa e qualquer tipo de manifestação cultural contrária ao governo getulista eram macerados pela censura. No entanto este período representa o despertar da consciência ideológica da intelectualidade e da classe artística, que refletiu esteticamente na obra de arte e na obra literária:

Isto ocorreu em diversos setores: instrução pública, vida artística e literária, estudos históricos sociais, meios de difusão cultural como o livro e o rádio. Tudo ligado a uma correlação nova entre, de um lado, o intelectual e o artista; de outro, a sociedade e o estado- devido às novas condições econômico-sociais. E também à surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que era quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período.

(CANDIDO, 1984, p. 27-28)

Em meio às transformações advindas do centro do país, o Rio Grande do Sul neste período vivencia um momento de efervescência cultural com o apogeu da Editora Globo, em

²⁰ Cf. BIASOLI, 1994, p.29

Porto Alegre. Esse selo editorial passa a publicar autores gaúchos e a realizar traduções de importantes clássicos da literatura, além de ser ponto de encontro de artistas e intelectuais que circulavam pela capital:

Existente desde bem antes (foi fundada em 1886) foi na segunda metade dos anos 20 que ganhou força como produtora de livros de novos escritores locais, vindo a alcançar um patamar mais alto ainda na década de 30, quando passou a contar com um gerente editorial talentoso, Erico Veríssimo. A Globo foi um centro de produção moderna, contando com forte presença no comércio de livros e de todos os itens gráficos para os escritórios florescentes na nova ordem administrativa, condizente com a cidade moderna; manteve várias linhas editoriais, capazes de acolher tantos jovens autores locais em busca de espaço, quanto romances consagrados e de larga aceitação junto ao leitor de classe média urbana e culto, quanto, ainda, livros sofisticados, a exemplo dos clássicos europeus. (FISCHER, 2007, p.436)

Fischer (2007) afirma, no tocante à configuração da produção poética desenvolvida nos anos trinta no Rio Grande do Sul, que o Modernismo no Estado representaria um desdobramento do Simbolismo já que parte dos autores gaúchos considerados modernistas principiou suas produções no âmbito simbolista, fato que caracterizaria uma transição gradativa entre as estéticas:

(...) enquanto o Modernismo paulista, de um modo que é um sintoma de luta pelo poder simbólico no plano nacional, se erigiu, se inventou como uma oposição ao Parnasianismo, cujo centro era o Rio da Primeira República, o Modernismo no Rio Grande do Sul, por vários motivos (que incluem o temperamento da cultura local, mais próximo do estilo hispano-americano de ver as coisas), foi um desdobramento do Simbolismo. (...) muitos de nossos poetas modernistas - quer dizer, renovadores, em busca de aproximar a linguagem da poesia e a linguagem da vida diária, e assim os temas, tudo em busca de uma comunicação mais direta, procurando reatar a conversa com o leitor comum, que havia sido posto de lado com os requintes parnasianos e simbolistas - começaram sendo simbolistas. (p. 75)

Dentre as principais obras desse período destacam-se: *Lanterna Verde* (1926), de Felipe de Oliveira; *Trem da Serra* (1928), de Ernani Fornari, *Tropilha Crioula* (1925), de Vargas Neto; e *Coração Verde* (1926), *Giraluz* (1928), e *Poemas de Bilu* (1929), de Augusto Meyer. Fischer (2004) considera Augusto Meyer e Theodemiro Tostes representantes centrais do modernismo sulino. Já Tyrteu Rocha Viana, com a obra *Saco de Viagem* (1928), e colaborador do periódico *Ibirapuitã*, caracterizaria a forma mais radical da estética modernista já experimentada no Rio Grande do Sul.

Destacam-se também as produções de Lila Ripoll, que estréia com a obra *Mãos postas* em 1938; *Casebre* (1939), de Heitor Saldanha; *Lua de vidro* (1930), de Athos Damasceno Ferreira e *Rua dos cataventos* (1940), de Mario Quintana, este por sua vez, publicando poemas na revista *Ibirapuitã* desde seu primeiro ano de sua circulação, em 1938.

A estética modernista se fez ouvir no Estado, ainda que com olhos voltados para a identidade local, isto é, regional, e não universal/nacional como apregoava o modernismo em suas primeiras manifestações no Brasil:

O movimento renovador desencadeado em São Paulo foi uma das tendências que se fez sentir aqui nos anos 20. Como os poetas do Rio Grande do Sul estavam atentos ao que se passava na Europa, também não se mantiveram alheios às vanguardas do país. Mas o interesse por soluções novas não os levou a se subordinarem a preceitos alheios. Entraram em processo de renovação sem esquecer o legado local. (SCHÜLER, 1982, p. 11)

Schüler (1982), além dos mesmos autores mencionados por Fischer, destaca nomes como Manoelito de Ornelas com *Rodeio de estrelas* (1930); Olmiro de Azevedo com as obras *Veio D'água* (1925) e *Vinho novo* (1936); e Ruy Cirne Lima com *Minha terra* (1926) e *Colônia Z e outros poemas* (1928). Já para Zilberman (1992), há a necessidade de uma dicotomia para a compreensão da produção gaúcha nesta época:

O exame da produção poética gaúcha demanda uma dupla orientação: de um lado, a abordagem do gênero na sua oscilação entre a fidelidade ao Simbolismo e a adesão ao projeto modernista; de outro, o contraste entre as criações dos artistas ligados ao cenário porto-alegrense, como Augusto Meyer e Mario Quintana, e a obra de Raul Bopp, autor que se afastou do contexto local e abraçou integralmente as propostas revolucionárias de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. (p.63)

A orientação a prevalecer nas histórias da literatura do Rio Grande do Sul acerca do Modernismo é de que tal estética se desenvolveu de forma ambivalente, isto é, à sombra do Simbolismo.

1.3 FORTUNA CRÍTICA

Há um pequeno número de trabalhos e estudos realizados acerca do periódico *Ibirapuitã* que evidenciam a importância da revista na projeção editorial de Mario Quintana,

já que além de ser colaborador do mensário, tornou-se um dos seus principais redatores. Um desses estudos é realizado por Néa Castro (1985):

Enquanto Mario como tradutor dava voz vernácula à literatura universal, suas próprias poesias continuavam quase todas inéditas. Editar era como a “atração do abismo” que conhecera na adolescência: fascinante e terrível. Entretanto, houve um momento que começou a tomar fôlego, medir suas forças. Em janeiro de 1938 se juntou a um grupo liderado por Felisberto Soares Coelho para lançar, em Alegrete, a revista bimensal *Ibirapuitan* (nome do rio que passa na cidade). A publicação saiu até fins de 1939, sempre com a colaboração de Mario. Ele era dos principais redatores, junto com Hernani Schmitt e Juca Ruivo. (p.61)

Em tal estudo também são evidenciados trechos de poemas de Quintana publicados por *Ibirapuitã* entre os anos de 1938 e 1939, que integrariam, posteriormente, as edições em livro de *A Rua dos cataventos* (1940) e *Espelho mágico* (1953), e a carta de Monteiro Lobato endereçada ao poeta alegretense:

Antes, no exemplar correspondente aos meses de abril e maio de 1939, o expediente da revista avisava que algumas das quadras haviam sido distribuídas à imprensa nacional pelo boletim da U.J.B (União Jornalística Brasileira). Além disso, o diretor da revista, Felisberto, enviara alguns exemplares ao já famoso escritor e editor Monteiro Lobato. Finalmente, no número sete de 1939, *Ibirapuitan* publicava carta dele ao Prezado Sr. Mario Quintana. (CASTRO, 1985, p.61)

Castro ainda transcreve anúncio publicado em *Ibirapuitã* acerca da futura edição da obra “A rua dos cataventos”, de Mario Quintana:

Um dos números finais de *Ibirapuitan*, de outubro e novembro de 1939, trazia o anúncio: Mario Quintana, o poeta que todos admiram e louvam, breve nos dará o seu primeiro livro de versos: *A rua dos cataventos*, 35 poemas reunidos em fina e elegante edição. (CASTRO, 1985, p.63)

Já em *Literatura Comentada*, de Regina Zilberman (1982), outro estudo biobibliográfico sobre Mario Quintana, há menção da revista alegretense no que se refere às colaborações do poeta para a imprensa, e mais uma vez, é mencionado o fato de Monteiro Lobato tê-lo elogiado por meio de carta publicada por *Ibirapuitã*.

Nas obras *Pequeno Dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul* (1999) e *Quem é quem nas letras rio-grandenses – Dicionário de Autores Contemporâneos* (1982), *Ibirapuitã* é mencionada nos verbetes que contemplam o escritor alegretense Laci Osório, onde são destacadas suas colaborações para a imprensa. Já a obra *Escritores do Rio Grande do Sul* (1978), de Ari Martins, o periódico é citado no verbete dedicado ao autor alegretense Antonio Brasil Milano, diretor de *Ibirapuitã* em 1967.

Em artigo intitulado *Espelho Mágico: gênese do verso curto e do humor em Mario Quintana*, de Gilda Neves da Silva Bittencourt, há a análise estilística de cento e onze quadras de do poeta. Dentre essas cento e onze quadras, algumas já haviam sido publicadas por *Ibirapuitã* de janeiro a setembro de 1939. E mais uma vez a revista alegretense é evidenciada por divulgar a relação que se estabeleceu entre Quintana e Lobato:

Tudo indica que Quintana tinha a intenção de publicar bem antes estas quadras, e já escolhera um título para o livro - *O pátio dos milagres* -, incentivado sobretudo por uma carta de Monteiro Lobato recebida em junho de 39, onde o escritor paulista, já de renome nacional na época, elogiava calorosamente as composições do poeta alegretense que tivera ocasião de ler na Revista *Ibirapuitan*, destacando não somente sua forma, mas também aquilo que ele chamou “filosofia do humour” ali contida. Além disso, Lobato dispunha-se a ajudá-lo na publicação de um livro, desde que já houvesse material para tanto” (BITTENCOURT, 2006, p.48)

Segundo Bittencourt (2006, p.48), “apesar da boa vontade e de empenho de Lobato, o livro acabou não saindo na ocasião, e, quando surgiu, em 1948, Quintana suprimiu, modificou e ampliou muitas das composições originais divulgadas pelo periódico alegretense.”

Em *Ibirapuitan e Província de São Pedro: uma história de recepção a Mario Quintana* (2010), dissertação de mestrado escrita por Terezinha Pezzini Soares, temos o estudo acerca da recepção da obra quintanesca nestes dois periódicos.

Na obra *O Quintana que (quase) ninguém viu* (2012) há um artigo intitulado “Os Quartetos (quase) Inéditos de Quintana”, de André Luis Mitidieri e Vanderléia Skorek, temos mais uma vez a obra *Espelho mágico* como foco de análise, no que tange à publicação de poemas divulgados pelas revistas *Ibirapuitã* e *Província de São Pedro* editados ou não em livro, posteriormente. Com base nos princípios teóricos da edótica, os poemas de Quintana em *Ibirapuitã* são confrontados com os poemas editados em *Espelho mágico*.

O livro *Literatura, História e Fontes Primárias* (2013) traz o artigo “Nas margens de Ibirapuitã, Mario Quintana em rastros literários e fontes primárias”²¹, de André Luis Mitidieri, no qual apresenta o estudo das composições do poeta publicadas na revista alegretense, entre os anos 1938 e 1939, e que integrariam, posteriormente, a edição em livro de “A rua dos

²¹ No presente artigo, o autor afirma não ter encontrado o primeiro volume de *Ibirapuitã* editado em 1938. No entanto, ao decorrer de minha pesquisa, foi possível localizar tal exemplar no acervo pertencente à biblioteca Irmão José Otão, da PUCRS, no setor de Acervos Especiais.

cataventos”. Baseando-se no conceito de rastro proposto por Carlo Ginzburg, a pesquisa propõe mapear quais textos de Quintana integraram *Ibirapuitã* neste período e que retornaram ou não à edição em livro, apontando suas possíveis alterações.

Em *Quintana e Eu* (2008), de Sergio Faraco, reúne histórias acerca de sua relação com o poeta alegretense, seguida da seção intitulada *Velhas cartas do velho poeta*. Em tal seção, Faraco transcreve as missivas trocadas por ambos entre os anos sessenta e setenta; período que, por sua vez, corresponde à segunda fase de circulação da revista *Ibirapuitã*. Nesta fase, Faraco desempenhou a função de redator e diretor – secretário junto ao mensário. Dentre essa pequena correspondência, um total de treze cartas, temos a menção ao periódico em duas missivas. Na primeira delas, sem data, por meio de uma nota de esclarecimento acrescida por Sergio Faraco, temos o comentário de Quintana acerca de suas colaborações junto ao mensário:

Porto Alegre s.d.

Meu caro Sergio:

Desculpa escrever-te a lápis. É domingo. Não encontrei caneta, nem pude ir comprar. O arquivo do Correio fechado: impossível dar uma batida nele hoje. Sábado, quando recebi tua carta, também estava fechado. Por mais que procurasse nos cadernos à mão, nas gavetas, na lua – impossível achar “O velho do espelho”. Uma pena, a tua pressa. Pois acho que aquele poema vale a pena. Mando-te um que encontrei. Não é necessário conservar o primeiro verso em letras maiúsculas. Foi um truque para contornar a minha falta de imaginação em matéria de títulos e evitar a designação “Soneto”, a qual, agora, depois de muito pensar, julga a melhor no caso. Espantado por desejares poemas preferentemente da Antologia (pois me parece que os tinha pedido inéditos em livros) e ao mesmo tempo desconfiado de que por isso vocês talvez achem que meus últimos poemas não prestam. A minha opinião pessoal é que sou como o cinema brasileiro: ou faço coisa muito boa ou muito ruim – medíocre é que não sou. Curioso por saber a escolha pessoal de vocês. (FARACO, 2008, p.72)

Na referida nota de esclarecimento, lê-se:

O poema não encontrado destinava-se à revista *Ibirapuitã*, dirigida pelo poeta Antônio Brasil Milano, com minha participação como *Iohannes factotum*. Os “cadernos” em que Quintana procurava o poema eram as edições anteriores do Caderno de Sábado do *Correio do Povo*, editado por P.F. Gastal. Como não o achou, enviou outro, o belíssimo soneto que começa assim: “A beleza dos versos impressos em livro.” (FARACO, 2008, p.72-73)

Já na segunda carta temos uma referência direta à revista, momento em que Mario Quintana manifesta seu desejo de publicar, em primeira mão, um de seus poemas na seção que lhe cabe no periódico, antes mesmo de divulgá-lo no jornal *Correio do Povo*:

Porto Alegre, 21 de junho de 1969.

Meu caro Sérgio:

Ora viva que manifestaste! Eu esperava a cada hora, isto é, a qualquer hora, tua visita ao Correio, queria bater um papo e também para saber se já saíra a *Ibirapuitã*, pois desejo publicar em minha seção aquele poema metafísico e, como era um inédito para a *Ibirapuitã*, é claro que não pode ser publicado antes no Correio.

Mario (FARACO, 2008 p.74)

A fortuna crítica acerca de *Ibirapuitã* se dá basicamente em torno obra de Mario Quintana. A revista é utilizada apenas como instrumento legitimador do cânone, já que tais estudos se concentram apenas em um autor devidamente inserido no sistema literário sul-riograndense e de grande representatividade para a poesia gaúcha. O mensário não figura nas histórias da literatura, sendo mencionada porventura em alguns estudos bibliográficos ou em dicionários.

1.4 IBIRAPUITÃ – MENSÁRIO DE SOCIEDADE, LITERATURA E ARTE (1938-1939): PRIMEIROS ANOS

O poeta, jornalista e professor Felisberto Soares Coelho, mais conhecido pela alcunha de Fidêncio Caigoaté, tornou-se importante figura no cenário cultural de Alegrete ao final da década de trinta, por engendrar a revista *Ibirapuitã* (1938). Nascido em 1868, em Santana do Livramento, interior do Rio Grande do Sul, estabeleceu-se desde cedo em terras alegretenses e desempenhou atividades ligadas à imprensa. Com tal iniciativa, Felisberto que também era capitão do exército, congregou intelectuais da época; concedeu espaço aos autores da aldeia para divulgarem sua produção literária; promoveu o debate de ideias e fomentou um público leitor.

O mensário abrangeu dois períodos de circulação: o primeiro compreendido entre 1938 e 1939; e o segundo entre 1967 e 1972. Nos anos trinta possuía circulação mensal e por

vezes bimestral; já em sua segunda fase a circulação passa a ser trimestral. A revista sofreu uma interrupção em sua circulação de aproximadamente trinta anos e volta a ser veiculada nos anos sessenta sob a chancela de outra publicação cultural alegretense: a revista *Cadernos do Extremo Sul* (1953). Idealizada pelo poeta Hélio Ricciardi, era constituída de matéria essencialmente literária, com edições dedicadas individualmente a autores locais.

Os números que compunham os dois primeiros anos de *Ibirapuitã* totalizam quinze volumes e estão distribuídos da seguinte forma:

<u>ANO I (1938)</u>	<u>ANO II (1932)</u>
Volume 1	Volume 1
Volume 2	Volume 2
Volume 3	Volume 3
Volume 4 e 5 – Edição conjunta	Volume 4 e 5 - Edição conjunta
Volume 6 e 7 – Edição conjunta	Volume 6
Volume 8 e 9 - Edição conjunta	Volume 7
Volume 10 e 11- Edição conjunta	Volume 8 e 9 - Edição conjunta
Volume 12	-----

O mensário circulou com a gerência de Emílio Lopes nos primeiros volumes de 1938. A partir do v.12 a função de gerente passa a ser omitida em seu expediente e figura apenas o cargo de diretor, permanentemente ocupado por Felisberto Soares Coelho, e dos redatores, os poetas Hernani de Carvalho Schmitt, Juca Ruivo e Mario Quintana.

A revista, em sua fase inicial, era impressa pela Tipografia Tupi, pertencente a Emílio Lopes. Já em sua retomada, nos anos sessenta, passa a ser editada pela gráfica do jornal Gazeta de Alegrete. O mensário publicava textos de natureza diversa, tais como: poemas, contos, traduções, crônicas, crítica literária; artigos sobre política, cultura, religião, assuntos militares, dentre outros. O nome *Ibirapuitã* refere-se ao rio que divide a cidade de Alegrete em duas regiões, interligadas pela ponte Borges de Medeiros. Se pensarmos na escolha de um elemento local como o rio para designar o nome da revista podemos inferir que seu “projeto” era firmar uma identidade própria e valorizar o que se produzia culturalmente no município.

No editorial do primeiro volume, publicado em janeiro de 1938, *Ibirapuitã* pretendia expandir sua arte para além da aldeia, embora a produção se concentrasse na aldeia. Era necessário confiar na perenidade da publicação para comprovar sua importância no cenário cultural gaúcho:

Nós somos... *Ibirapuitã*, rio que flui de um Recanto Rio – Grandense, e oferta um pouco de Linfa transparente e viva aos largos Mares que rodeiam todas as terras - enlaçando-as e unindo-as à mercê dos Bateis que singram suas Estradas líquidas e amplas... *Ibirapuitã*, revista que arranca de um Rincão Gaúcho e leva para alongadas Terras o Pensamento e a Cultura da Gente Farrapa, prodigalizando à Civilização um pedaço da Beleza e da Bondade que moram na Alma e no Coração dos Guascas. (...) Desse esforço e desse Propósito que diga, quando chamado a Contas, o velho Tempo, - o Cronista – Rei da História e da Lenda, - presente sempre ao nascimento e morte de Homens e Coisas, de Animais e Plantas. (...) E, certamente, o Saldo será grande em favor do Rio e grande em favor da Revista. (COELHO, 1938, p.1)

Na seção “Correio Amigo” é publicada a primeira correspondência endereçada ao mensário, escrita pelo colaborador Oliveira Mesquita e datada de 11 de novembro de 1937. Os autores que integravam o projeto de *Ibirapuitã*, de certa forma, colocavam-se à margem do sistema literário, ao engendrarem uma publicação cultural no interior do Estado, apartada de condições mais favoráveis proporcionadas pela Capital. Mesquita destaca a importância que o mensário agregaria às letras gaúchas:

Meu caro Soares Coelho:

Salve!

Que Deus lhe enflora a vida com as alegrias da paz e da saúde. Fiquei contente (e por que não confessá-lo?) com a sua lembrança de incluir o meu nome no quadro dos colaboradores da “*Ibirapuitã*”, revista literária que, estou certo, será um canto sonoro de alegria e mocidade em meio desta tristeza desconcertante em que vivemos. Vocês, com a publicação desse

mensário de arte e vibração, irão prestar enorme serviço às nossas letras, no interior do Estado.

Caberá à Alegrete, - a bela terra fronteirista, tão cheia de tradições, tão ciosa do renome gaúcho, a honra desse feito de alta beleza.

Há, espalhados pelo interior do Estado, inúmeros verdadeiros talentos, inteligências preclaras, literatos de imaginação clara e fecunda, jornalistas de mérito real, poetas do mais alto quilate, cientistas de profunda cultura, os quais vivem esquecidos, inaproveitada a sua inteligência, envoltas na penumbra da mais penosa indiferença.

Não querem escrever para as revistas e jornais da capital, certos da prevenção, receosos da manifesta má vontade que sempre houve por parte dos que estão lá em cima com os que mourejam na planície...

Afinal, foi sempre assim...

Sobem, muita vez, de rastros e chegados ao alto esquecem e até combatem os camaradas que ficaram...

E vocês hão de triunfar com *Ibirapuitã*.

Eu tenho fé na vontade dos moços. (COELHO, 1938, p.32)

O presente volume é constituído de trinta páginas²² e trinta anúncios publicitários. São publicados os seguintes poemas: “Ou a cidade ou o rio”, de Antonio Brasil Milano; “Soneto VII”, de Mario Quintana; “A carreteada farrapa”, de J. O. Nogueira Leiria; “Mãos”, de Felisberto Soares Coelho; “Ibirapuitã”, de Maria do Carmo Tomas; “Versos para um tordilho chamado Mohomet”, de Tyrteu Rocha Viana. A partir de 1939, Mario Quintana passa a ocupar lugar de destaque na revista ao assinar a coluna “De Rebus Pluribus”, na qual publicava seus poemas.

Já o v. n.2, publicado em janeiro de 1938, contém trinta e seis páginas e vinte e quatro anúncios publicitários. A repercussão do lançamento de *Ibirapuitã*, tanto no interior do Estado quanto na Capital, é noticiada em seu “Ementário de janeiro”, no qual tece agradecimentos a outros periódicos pela divulgação: “Noticiaram o nosso aparecimento, tecendo louvores à nossa iniciativa, os colegas *Gazeta de Alegrete*, *A Semana*, *Correio do Sul*, *Diário de Notícias*, *A Razão* e *A Nação*. Agradecidos. (1938, p.1).” Os jornais citados por *Ibirapuitã* circulavam a época nas cidades de Alegrete, Santo Ângelo, Bagé, Porto Alegre e Santa Maria, respectivamente.

No entanto uma pequena nota a compor o “Ementário de Janeiro” chama-nos atenção: trata-se de informações acerca de alguns colaboradores que acabaram presos na “Ilha do

²² Não há paginação em nenhum dos números que compõem os dois primeiros anos de circulação de *Ibirapuitã*. A paginação adotada para fins de referência foi estabelecida por mim.

Paiva”, local que servia de cárcere a presos políticos no período de governo de Getúlio Vargas:

Ibirapuitã já entrou na História por duas portas – a literária e a policial. A segunda porta foi estreada pelo Cícero Parrot, e pouco há, pelo Carlos La Porta, outro colaborador. O Cícero, de há muito devolvido ao lar, trouxe-nos da Ilha do Paiva um bellissimo soneto do Túlio Sabóia Chaves, ilustre médico santanense, que também esteve naquela ilha, logo após o golpe de estado de 10 de novembro. Do soneto²³ do vate co-estaduanu, os dois tercetos dizem com suavidade como o Poeta encara hoje os homens que o cercam – (a maioria dos quais merece azorrague em vez de rimas...), - e o ambiente que limita suas aspirações nesta nova fase da vida nacional... . (COELHO, 1938, p.1)

Ao final do ementário, lê-se: “*Ibirapuitã* agradece ao Snr. Cap. Mário Bica Melquíades as inúmeras provas de deferência que, como censor, lhe tem dispensado.” Ambas as passagens apontam para a configuração política da época, isto é, a complicada relação da imprensa com o governo vigente. Com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939, por Getúlio Vargas, a liberdade de expressão nos meios de comunicação e nas artes fica extremamente prejudicada, já que o objetivo de tal órgão era controlar e reprimir qualquer informação contrária ao governo.

Na nota “Regulamento da Casa”, somos informados acerca da dinâmica de publicação de originais na revista. O mensário procura estabelecer um diálogo com outras publicações e, de certa forma, colabora para a formação do sistema literário local ao conceder espaço tanto a autores principiantes quanto aos poetas reconhecidos pela aldeia. A seção “Página dos Novos” surgirá no terceiro volume do mesmo ano:

Ibirapuitã não se responsabiliza pela opinião dos colaboradores; não devolve originais embora não publicados; só aceita originais datilografados ou em boa caligrafia, mas escrito só de um lado do papel; conserva a ortografia do original; só publicará poesias quando muito boas, depois de selecionadas com toda imparcialidade; no entanto, a fim de estimular os novatos, publicará mensalmente a clássica Página dos Novos. *Ibirapuitã* aceita permuta com as publicações congêneres. Publicará em breve entrevistas com literatos locais, sobre o movimento cultural de nossa terra e do estrangeiro. (COELHO, 1938, p.5)

Quanto ao gênero poético constam as seguintes colaborações: “Povo da lata”, de Gerson Neves; “Luz interior”, de Maria do Carmo Tomas; “Cantiga para a minha esperança”, de Antonio Brasil Milano; “Caminhos das Missões- paisagens de além- Ibicuí”, de Juca

²³ O poema escrito por Túlio Chaves chama-se “A Ilha do Paiva” (ano 1, n.2, fev. 1938. p. 14).

Ruivo; “Canção das horas mortas”, de Hernani de Carvalho Schmitt; “Da Ilha do Paiva”, de Túlio Chaves e “Canção do meio do mundo”, de Mario Quintana.

A revista, além de publicar colaborações e anúncios publicitários, oferecia outros serviços redacionais sob responsabilidade do gerente Felisberto Soares Coelho, tal qual informa o seguinte anúncio: “Redação de ofícios, cartas, requerimentos, memorandos e outros trabalhos literários, diante módica contribuição” (COELHO, 1938, p.12). Tais serviços com apelo financeiro certamente contribuíram para a permanência da revista.

Na seção “Correio Amigo” é publicada carta de Odacir Beltrão, de Porto Alegre, futuro colaborador do periódico. Vale ressaltar que a revista aponta para uma significativa projeção em sua circulação, haja vista as inúmeras cartas advindas de diversos lugares do Estado e do país:

Cordiais saudações,

Por feliz casualidade me veio ter às mãos o primeiro número de *Ibirapuitã*, que foi lido de uma só vez, com o contentamento que sempre sinto ao encontrar alguma coisa publicada no interior desse nosso grande Rio Grande. Sobre *Ibirapuitã* só tenho uma palavra a dizer: Excelente! Do esforço do nobre companheiro e de seus auxiliares, outra palavra: Admirável! Que a Sorte lhe favoreça e que *Ibirapuitã*, revista que arranca de um “Rincão Gaúcho”, avance cada vez mais para a vitória! (COELHO, 1938, p.2)

O mesmo pode ser observado por meio de algumas colaborações de autores de outros estados e países como o poema “A mais bela” de Jonas da Silva, autor pertencente à Academia Amazonense de Letras, de Manaus. Eram comuns as colaborações anônimas ou assinadas por pseudônimos. O poema “Guerra”, de autoria desconhecida, versa acerca nacionalidade brasileira e lamenta o prenúncio da Segunda Guerra Mundial. Já a colaboração estrangeira²⁴ escrita em prosa intitulada “Ciudad de meditación”, de Carlos Villanueva Suárez, tece aproximações entre a cidade de Alegrete e a capital argentina. Dentre os pseudônimos que acompanham aos poemas destacam-se: Papoula Amoruda, Magnólia Melancólica e Lady Nagibe, sendo esse último profícuo colaborador do mensário.

O v.3, publicado em março de 1938, com trinta e sete páginas, apresenta-se mais organizado, com um sumário elencando as matérias e destacando a seção *Poesias*, elemento o

²⁴ Em *Ibirapuitã* eram comuns as colaborações estrangeiras. Os textos, muitas vezes, eram publicados na língua de origem ou traduzidos para o português. Destacam-se dois poetas uruguaios: Marcelino Pérez, com seis poemas publicados em espanhol; e Manoel Del Rio com dois poemas publicados em português. Optou-se por não incluir tais textos no *corpus* de análise deste trabalho, pois a seleção de poemas obedece a critérios pré-estabelecidos e explicitados no capítulo II, item 2.1.

qual configura a importância que *Ibirapuitã* atribuía a tal gênero. Seguem-se as seções “Filatelia”, “Comentários de sete cabeças”, “Namoricos” e “Reportagens de quatro olhos”. Constam neste número trinta e dois anúncios publicitários e um indicador profissional com dezoito anunciantes. São publicados os seguintes poemas: “Loira boneca”, de Ari Martins; “Romantismo”, de Atila Casses; “O miserável”, de Gerson Neves; “Dom Pablo” de J.O. Nogueira Leiria e “Soneto XXII”, de Mario Quintana.

Destacam-se entre as colaborações escritas especialmente para *Ibirapuitã* o artigo “Campanha Benemerita”, de Paulo Araújo do Nascimento; e “Crônica XXII”, de Manoel Del Rio. Há também o artigo “Desenhos animados”, de Pedro Wayne; “Carta aberta e divulgada pela censura”, de Meister Huber, texto em que o autor discorre acerca da situação política da época em uma linguagem claramente alegórica; e a transcrição do conto “Casamento por interesse”, de Anton Tchekov.

Na seção “Correio Amigo”, vale destacar a publicação de três cartas. A primeira do poeta e colaborador João Otávio Nogueira Leiria, na qual elogia a publicação alegretense e faz votos para que a revista seja expandida para além da circulação local. Leiria ainda se compromete em divulgá-la, haja vista, que o autor colaborava também com a *Revista do Globo* e, certamente, poderia se munir de sua influência no meio literário para propagar *Ibirapuitã*:

São Francisco de Assis, 6/1/1938.

Meu caro F. Soares Coelho

Um abraço.

(...) Gostei da nossa revista, e digo assim por ter assistido a criança nos seus primeiros vagidos. É preciso, entretanto, que ela não fique empalmada e se desenvolva com viço para que seja menos alegretense e, portanto, mais de todos nós. (...) Não respondo tua carta como deveria fazê-lo, pois já me estás privando dos últimos momentos de prosa com o Juca²⁵. Noutra direi mais e dar-te-ei conta da divulgação que farei aqui da revista.

Leiria (COELHO, 1938, p.12)

Logo, segue carta de Pedro Wayne, de Bagé, interior do Estado, com felicitações ao mensário pelo belo trabalho. O futuro colaborador ainda se oferece para comercializar alguns

²⁵ Leiria refere-se ao poeta quaraense Juca Ruivo, colaborador de *Ibirapuitã*.

exemplares da revista por meio da Livraria Predileta, situada no município. Wayne ainda tece comentários acerca das dificuldades de se lançar uma publicação cultural com um público leitor tão reduzido, bem como a escassez de recursos financeiros para manter tal iniciativa:

Bagé, 3 de março de 1938.

Meu caro F. Soares Coelho

Dois atléticos abraços. Um pelo primeiro número de *Ibirapuitã*. Outro pelo segundo número. Que o robusto rebento vá para adiante e cada vez mais traga alegria ao pai. Só mesmo quem já se meteu em aventuras como esta em que estás envolvido, sabe o quanto custa. E pode apreciar o teu trabalho. Janeiro andava no fim, esbanjando os últimos dias de seu quinhão em 1938, quando recebi um pacote com 10 exemplares de tua revista. Distribuí cinco deles. Se não me engano desta maneira: Paulo Thompson Flores, Dr. Fernando Borba; Dr. Mário Araújo; Dr. Sérgio Moreira e Sr. Waldomiro Lucas. Cinco botei na livraria para ver se os vendia. Ainda lá estão. Talvez devido ao preço. (...)

Ontem te remeti uma colaboração. E engraçado é que hoje recebo *Ibirapuitã* de fevereiro. Vi que baixou para 1\$000. Como és otimista, se queres mandar uns números para vender, podes tentar. Remete-os diretamente para E. Ruiz e Cia; Livraria Predileta. (COELHO, 1938, p.12)

P. Thompson Flores, também de Bagé, tece agradecimentos e elogios à *Ibirapuitã* justamente se tratar de publicação em “terreno infértil” e reitera a opinião de Pedro Wayne na missiva supracitada, ou seja, a dificuldade em se manter um veículo cultural no interior do Estado. Flores menciona a frustrada tentativa em fazer circular periódico cultural em sua cidade, já que a referida publicação sofre intervenção política, o que denota a repressão a qual era submetida a imprensa neste período:

Bagé, 23/3/1938

Meu caro F. Soares Coelho

Saudares

Agradeço também a IBIRAPUITÃ que remeteu cavalheirescamente por intermédio do Pedro Wayne. Gostei da revista. Agrada-me a coragem de lançar uma publicação do seu feitio numa terra como a que o amigo mora, pequena e, portanto, de pouco fôlego para uma tiragem regular.

Nós aqui em Bagé já tentamos coisa parecida com um jornalzinho. O “Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz” teve, porém, uma duração efêmera. Foi até o quarto número. É bem verdade que o gênero dele era completamente diferente da IBIRAPUITÃ. Era puramente literário. Literatura surrealista.

Como sempre causam as coisas arrojadas, obteve ele enorme sucesso, mas as famílias moveram-nos uma guerra de extermínio. Basta dizer que eu e o Fernando Borba fomos denunciados perante a Ordem dos Advogados! E o governo do Estado interferiu declarando que deveríamos matar o jornalzinho, sob pena de se ver obrigado pelos pudicos pais de família, a tomar, se bem que a contragosto, uma atitude contrária a nós. E tinha razão de temer os papás, porque estávamos em véspera de eleições... (COELHO,1938, p.13)

A seção “Página dos Novos”, espaço concedido a autores principiantes, publica o poema “O Miserável”, de Gerson Neves. A seção “Homens de Letras”, que rende homenagem a alguns colaboradores do periódico, publica pequena nota biográfica acerca de Felisberto Soares Coelho, diretor da revista, anunciando a publicação de seu livro de crônicas “Alma da Cidade”. Na mesma edição Felisberto publica o seguinte texto acerca de Monteiro Lobato

Em 1920, mais ou menos, surgiram os dois maiores personagens da moderna literatura brasileira – Jeca Tatu e Monteiro Lobato, o Cidadão – Paradigma de uma nacionalidade e o seu Historiador, ambos tomando de sopetão um lugar nas letras pátrias.

Depois Monteiro lobato escreveu e inventou mais personagens. E todos aguardavam suas novas criações com ansiedade, pois todas copiavam tipos do natural – o prof. Aldrovando Cantagalo, o vale Sizenando Capistrano... ou descreviam tragédias anônimas – Colcha de retalhos, Negrinha, Drama da geadada... ou ainda comédias bem humanas – O contratador de fazendas, O 22 da Marajó...

O marasmo dos burguesinhos do interior foi magistralmente focado: - Itaoca e sua vidinha provinciana dizem bem como são inúmeras cidadezinhas brasileiras, apenas ligadas à Civilização pelo cordão umbilical da mala do correio, conforme expressão do próprio Autor.

Depois de divertir os grandes e ridicularizar preconceitos tolos e usos sedícios – “ridendo castigat”, - Monteiro Lobato aparou a pena e escreveu os adoráveis livros infantis que tanto encantam a petizada. A petizada e os grandes...

Um dia virou editor e revolucionou a livraria no Brasil...

Lembro-me outro dia que brasileiro só dá pra ser funcionário e cavou um empreguinho.

Bolas para o empreguinho...

E eis Monteiro Lobato empenhado na maior campanha que até agora agitou a alma nacional, sacudindo de sua modorra quatro vezes centenária.

E há de transformar o gigante deitado eternamente em berço esplêndido – o grande malandro! – num Hércules capaz de virar numa vasta oficina de trabalho.

De trabalho e de fartura. (COELHO,1938, p.32)

Nos v. 4 e 5, publicados em edição a conjunta, correspondente aos meses de abril e maio de 1938, constam vinte e oito anúncios publicitários, um indicador profissional e trinta em oito páginas. O periódico mantém a mesma organização e publica a seguinte nota: “Aceita

colaboração de todos, sobre qualquer assunto cultural, pois não obedece a escolas nem reconhece barreiras ao pensamento dos intelectuais” (COELHO, 1938, p.3). Portanto pode-se inferir que a revista, de certa forma, tenta não se submeter aos padrões estéticos da época, diga-se de passagem, a dicotomia simbolismo/modernismo presente no gênero poético nos anos trinta; e está aberta a contribuições dos mais variados movimentos literários.

Em outra importante nota temos uma página específica de sonetistas e um espaço aos novos literatos: “*Ibirapuitã* manterá a página dos sonetistas e abre suas colunas para todos os poetas velhos, moços e guris, contanto que sejam inspirados e escrevam sobre assuntos interessantes, e até mesmo sobre o eterno tema...” (COELHO, 1938, p.3).

No mesmo volume são publicados os seguintes poemas: “Missioneira”, de J.O. Nogueira Leiria; “Soneto VII”, de Mario Quintana; “Homem mau”, de Túlio Chaves; “Aquele pássaro”, de Manoel Del Rio; “Corvos”, de Átila Casses e “Batuque”, de Lady Nagibe. Na seção “Correio Amigo” é publicada carta de Monteiro Lobato dirigida ao editor do periódico, em resposta ao texto publicado por Felisberto Soares Coelho em volume anterior:

Recebi dois números de *Ibirapuitã*, onde vem uma crônica sua a meu respeito, e também um cartão explicando o caso. Sou suspeito na matéria, mas achei-a ótima - lisonjeira em excesso, apenas. E reveladora de um profundo e minucioso conhecedor dos meus pobres escritos. Coisa curiosa! Estive há pouco tempo em Porto Alegre e admirei-me de como era lido lá. Todos com quem estive falei-me como se fossem amigos velhos, citando muito a propósito coisas que escrevi e de que eu próprio andava deslembado. Agora com sua crônica verifico que também em Alegrete tenho leitores - um leitor pelo menos, mas desses que pelo espírito valem um regimento. Obrigado, pois, pela sua carta e pela crônica, que ambas muito me sensibilizaram. E disponha sempre deste que nunca levará o tal pescoção. (COELHO, 1938, p.4)

Na mesma seção outra missiva que merece destaque é enviada por Adão Carrazzoni, de Porto Alegre, em 26 de maio de 1938. Primeiramente, o futuro colaborador de *Ibirapuitã* se apresenta ao editor e sublinha sua participação em outros periódicos importantes da época, como *O Malho*, do Rio de Janeiro. Pontua relações pessoais, como sua amizade com o poeta Mario Quintana e confessa sua descrença inicial em relação ao mensário alegretense:

Sr. F. Soares Coelho:

Sou um desconhecido para você, e portanto, antes de mais nada, lá vai a minha apresentação: Adão Carrazzoni, rabiscador de prosa e verso... nas horas vagas. Já trabalhei em diversos jornais da capital. Atualmente,

colaboro no *Malho*, do Rio, e na *Ilustração Rio-Grandense e Eco Ferroviário* daqui. Mais informações a meu respeito com os amigos Mario Quintana e Duvimoso Mota.

Li, alguns meses atrás, em Santa Maria, no *A Razão*, uma entrevista sobre *IBIRAPUITÃ*, revista moderna que surgiria em Alegrete. Li essa entrevista e sorri, descrendo que *IBIRAPUITÃ* chegasse a ser uma realidade. E não descri sozinho: o Ernani Vanacôr também me acompanhou. (COELHO, 1938, p.30)

Em outro trecho somos informados de que *Ibirapuitã*, além de ser divulgada por outros periódicos que circulavam no interior do Estado, era comercializada pela já renomada Livraria do Globo, na capital gaúcha. Carrazzoni, ao empreender a leitura do periódico, é surpreendido pela sua qualidade:

Hoje, vi na vitrine da Livraria do Globo, aqui em Porto Alegre, a sua revista. E fiquei contente. “IBIRAPUITÃ” não era mais um sonho. Já era uma realidade. Comprei um exemplar do 3º número. Li (até os anúncios...). Li e gostei, palavra. Aceite meus parabéns. E creia que são sinceros. (COELHO, 1938, p.30)

Em carta de 8 de maio de 1938, Túlio Chaves, de Livramento, outro colaborador de *Ibirapuitã*, oferece seus préstimos ao mensário e deseja que este se torne uma revista da região, já que representa um “renascimento cultural”. Chaves ressalta que os tempos não são dos melhores para a imprensa e para as empreitadas culturais:

Meu caro F. Soares Coelho

Saudações

(...) *IBIRAPUITÃ*, triunfante com está, pouco precisará do meu apoio. Em todo caso concorro com o meu tijolo para a obra de renascimento intelectual que você está iniciando. O utilitarismo tem matado as iniciativas e estiolado as inteligências. A Fronteira precisava de uma revista literária. Vocês, do Alegrete, tiveram a ideia de fazê-la. Tendo a Fronteira uma mentalidade, *IBIRAPUITÃ* personifica essa mentalidade e deixa de ser uma revista de Alegrete, para ser uma revista da Fronteira. (COELHO, 1938, p.30)

Na mesma seção é publicada carta do colaborador Odacir Beltrão, datada de 22 de maio de 1938, no entanto, não consta o local de origem da missiva. Beltrão, publicista da editora Melhoramentos na região sul, afirma ter enviado um exemplar de *Ibirapuitã* (n.3) à Cia Melhoramentos, seção editora, para arquivamento do material. Portanto, podemos deprender que o mensário alcançava maior projeção em sua circulação pelas mãos dos

próprios colaboradores, cientes de suas relações com outros intelectuais das mais diversas localidades.

Já a seção *Galeria de Amigos*, na qual constam alguns patrocinadores e apoiadores do periódico, é veiculada foto de Florêncio Fernandes Brasil. *Ibirapuitã* também destinava espaço à discussão de literatura brasileira, como podemos verificar no artigo “Uma página sobre Raul Pompeia”, de Abreu Fialho. No mesmo volume é publicado o artigo “O Tiradentes Negro”, de Pedro Wayne. Já a crônica “Outono”, de Odacir Beltrão, é dedicada a Felisberto Soares Coelho.

Na crônica “Ibirapuitã”, redigida pelo diretor da revista, temos algumas impressões quanto à recepção do periódico pelos leitores:

Demônio...

...pois não é que o Astermônio ficou meio nocaute com o aparecimento de Ibirapuitã? – Como é - berra ele- que vai se saber agora do que se trata quando se falar em Ibirapuitã no feminino? A *Ibirapuitã*- rádio emissora,²⁶ com a competição da *Ibirapuitã* - raios a partam!, vai sendo confundida com qualquer pasquinório, com qualquer escriba, sentindo-se iluminado pelas Ibirapuitãneas ninfas, resolva caçar os níqueis dos incautos. E, ainda mais, agora que...

Mas, aqui interrompo o homem, para evitar ao Leitor amigo duas horas de discursaria, mas, amigo Astermônio Falcão Goulart, você pensa que os rádio ouvintes se preocupam muito com jornais e revistas? Pois está você muito enganado. O que eles querem é apanhar umas novidades para ampliar um pouco, como na história de um ovo que um homem botou de manhã e já ao meio dia estava multiplicado em uma grossa e de posse dessas noticiuzinhas, saírem a contar aos vizinhos que as coisas estão pretas...

E, sabe que mais?

Você é tão bom com eles...

Pena é que o Demenciano seja tão camarada, porque vocês deviam estar todos na cafuná. (COELHO,1938, p.25)

No v. 6 e 7, editado em conjunto, em junho e julho de 1938, constam trinta e cinco páginas, um indicador profissional e trinta e cinco anúncios publicitários. São publicados os seguintes poemas: “Juca Ruivo” e “Apego nativo”, de Aureliano Figueiredo Pinto; “Lembranças que eu mando”, de Lady Nagibe; “O teu poema”, de Adão Carrazzonni; “Seca no Pampa”, de Hernani Carvalho Schmitt; “Soneto II”, de Mario Quintana; “À Dunga”, de

²⁶ A radiofusão em Alegrete começara no ano de 1937 com duas estações de amadores: a estação Francisco de Barros Coelho e a Rádio Sociedade Piratini, idealizadas por Francisco Barros Coelho e Otilio Cambraia, respectivamente. Manoel Del Rio, um dos colaboradores de *Ibirapuitã*, contribuía para atividades desenvolvidas pela Rádio Sociedade Piratini. (cf. SANTOS,2009, p.81)

Sabino Pinto; “Seus olhos”, de Átila Casses; “Final”, de Mario do Carmo Tomas; “Fragmento”, de Lady Nagibe e “Carreta”, de Juca Ruivo.

Cabe ressaltar que *Ibirapuitã* figurava nas páginas de alguns periódicos da época em pequenas notas a fim de ser divulgada inclusive fora do estado gaúcho, como podemos constatar pela missiva de Adão Carrazzoni publicada na seção *Correio Amigo*, na qual o poeta menciona o jornal carioca *O Malho*: “(...) Logo que recebi o primeiro nº de IBIRAPUITÃ, respondi e enviei colaboração, inclusive alguns recortes de “O Malho”. Se o amigo nada recebeu é porque certamente o correio extraviou”. (COELHO, 1938, p.26)

O v. 8 e 9, publicado em edição conjunta, correspondente aos meses de agosto e setembro de 1938, possui trinta e duas páginas, treze anúncios publicitários e um indicador profissional com dezesseis anunciantes. Quanto às colaborações seguem os textos: “On Rashness”, de Aristarchus; redigido em inglês; e “Dois Anos!”, de Pontes de Moraes, transcrito do jornal *Gazeta de Alegrete*. Há também uma nota sobre o periódico *A Nação*, de Uruguaiana, na qual *Ibirapuitã* parabeniza a equipe diretiva do jornal pelos trinta e quatro anos de circulação; o que comprova a articulação do mensário com outras publicações.

No mesmo volume constam os seguintes poemas: “Soneto”, de Aureliano Figueiredo Pinto; “Solilóquio”, de Roberto Osorio Junior; “Sugestões do aroma”, de Alceu Wamosy; “Coruja”, de Hernani de Carvalho Schmitt; “Saudade”, de José Figueiredo Pinto; “Cordeona”, de Juca Ruivo; “A balada da saudade”, de Átila Casses; “À Dunga”, de Sabino Pinto; “O exemplo da lágrima”, de Barcelos Pena; “Terra rasgada”, de Odacir Beltrão; “Dos poemas íntimos”, de J.O.Nogueira Leiria; e “Tédio”, de Zilda Medeiros Lautert.

Na seção *Correio Amigo* é publicada carta do colaborador Barcelos Pena, de Cruz Alta, datada de 27 de agosto de 1938, na qual exalta a iniciativa cultural: “(...) IBIRAPUITÃ representa a esplêndida vitória de uma vontade que nobilita. E, mais do que uma revista, um grande abraço de cordialidade, que aproxima os intelectuais do interior do nosso Estado.” (COELHO, 1938, p.30).

No v. 10 e 11, edição conjunta, de outubro e novembro de 1938, são publicados os seguintes poemas: “Terço pelos amores perdidos”, de José Figueiredo Pinto; “Duas almas”, de Alceu Wamosy; “Lunar”, de Mario Quintana; “Cegonha”, de Hernani de Carvalho Schmitt e “20 minutos de filosofia boêmia”, de Átila Casses.

Na seção *Correio Amigo* destacam-se duas missivas. A primeira, do colaborador Ari Martins, na qual tece elogios ao mensário e reitera a opinião das demais correspondências

publicadas em *Ibirapuitã*, isto é, de que a revista representa um importante avanço para a intelectualidade no interior do Estado. O autor ainda se dispõe a enviar uma colaboração ao mensário em agradecimento ao recebimento de seus exemplares:

Ilustre Prof. Soares Coelho

Tenho recebido regularmente a sua magnífica *Ibirapuitã*, revista que, pelo valor, deixa muita capital invejosa de ainda não possuir igual, creia. Agradeço-lhe a amabilidade dessa remessa pontual. Retribuirei com o envio de alguma colaboração, muito breve. (COELHO, 1938, p.24)

A segunda carta é de Mario Quintana acerca do envio de mais uma de suas colaborações à revista:

Coelho camarada,

Vai aqui mais um, sem número. A letra parece que não está muito clara; peço-te, por isso, rigorosa revisão, (como sempre). E, por falar em como sempre, muito obrigado e até a próxima vista. Do amigo *Mario Quintana*. (COELHO, 1938, p.24)

O v.12, publicado em dezembro de 1938, é o último a compor a série do primeiro ano de circulação da revista. Contém trinta e quatro páginas, catorze anúncios publicitários e um número reduzido de poemas. Dentre estes, destacam-se: “Anamorfozes”, de Hernani de Carvalho Schmitt; “Árvores de Natal”, de Maria do Carmo Tomas; e “Polichinelo”, de Túlio Chaves.

Na seção *Correio Amigo* temos a carta da colaboradora Lady Nagibe,²⁷ de Pelotas, datada de 15 de novembro de 1938, na qual parabeniza o mensário pela sua qualidade e tece críticas às demais publicações da época, que a seu ver, se preocupavam mais em entreter o público feminino do que proporcionar arte e cultura, de fato:

(...) aceite os meus sinceros parabéns pela organização moral e material da sua revista. “*Ibirapuitã*” agrada-me intensamente porque é puramente literária e não cheira a “águas de toucador” nem a “batata doce ao forno”, não estampa “modas”, nem traz monograma pra bordar, nem fronha. “*Ibirapuitã*” deixou os conselhos domésticos, pisou por cima dos conselhos de beleza. Foi idealizada para a alma apenas. É a fina essência espiritual feita

²⁷ Lady Nagibe é provavelmente um pseudônimo.

para flutuar nos sentidos, em resquícios dispersos de Poesia e Arte. (COELHO, 1938, p.31)

O primeiro volume a ser veiculado em 1939, segundo ano de circulação da revista, é constituído por dezessete páginas e dez anúncios publicitários. Publica em primeira página a seção *Jornal*, na qual noticia fatos ocorridos dos meses de agosto e setembro de 1938. Dentre eles, a saudação de *Ibirapuitã* ao periódico *Correio do Sul*, de Bagé, dirigido pelo jornalista Carlos Mangabeira, pela passagem de seu 25º aniversário de circulação. Diferentemente dos números anteriores, neste volume não constam a descrição do corpo administrativo da revista, o sumário com as matérias publicadas, seguido das principais seções, tampouco o expediente, além do reduzido número de páginas.

Há na segunda página indicação literária da obra *Polônia*, de Lourenço Mário Prunes, sendo o livro distribuído em Alegrete pela *Livraria da Gazeta*. Destacam-se ainda as crônicas “O Jornalista e o operário”, de Laci Osório; “Considerações sobre o ensino”, de Odacir Beltrão; e “A espada de Deus”, de Cid Pinheiro Cabral.

Entre as colaborações estrangeiras figuram os poemas “Asunción”, de Juan Blas Ojeda; e “Hilito de Agua, la vida!”, de Marcelino Pérez, sendo este último, colaborador permanente de *Ibirapuitã*. Dentre os poemas em língua portuguesa está “Insônia”, de Victor Hugo Lobato. Em nota publicitária, o periódico noticia a circulação do segundo número da revista *Século XX*, de Porto Alegre, sob a direção de Odacir Beltrão e Cid Pinheiro Cabral, ambos colaboradores de *Ibirapuitã*. Já entre as colaborações escritas especialmente para a revista, destaca-se “Inteligência”, de Abreu Fialho. No presente volume não consta a seção *Correio Amigo* e são poucas as contribuições do gênero poético.

O v.2, publicado em fevereiro de 1939, é composto por trinta e seis páginas e vinte e três anúncios publicitários. Constam os seguintes poemas: “Fariseus”, de Átila Casses; “Elogio a uns olhos azuis”, de Ari Martins; “Mãe”, de Laci Osório; “Entardecer”, de Roberto Osório Junior; a coluna “De Rebus Pluribus”, de Mario Quintana; “Quando a minha saudade chegar”, de Antonio Brasil Milano; e “Ternura”, dedicado ao poeta Ênio Campos, escrita sob o pseudônimo de Magnólia Melancólica. Há ainda um pequeno anúncio de serviços de outra natureza realizados pelo periódico: “*Ibirapuitã* encarrega-se da confecção de clichês para qualquer fim, e, bem assim, de desenhos, cartazes, letreiros, motivos ornamentais, dísticos, etc; a preços módicos”. (COELHO, 1939, p.3).

O v.3, publicado em março de 1939 possui trinta e quatro páginas e vinte dois anúncios publicitários. São publicados os seguintes poemas: “Plenilúnio”, de Átila Casses; “Na tua velhice”, de Ari Martins; a coluna “De Rebus Pluribus”, de Mario Quintana; “Bem querer”, sob pseudônimo de Perpétua Saudosa, poema este dedicado ao colaborador Manoel Del Rio; “Xodó”, sob pseudônimo de Papoula Amoruda; e “Vidalitay”, de Marcelino Pérez. Não há a seção *Correio Amigo* nesta edição.

O v. 4 e 5, em edição conjunta, correspondente aos meses de abril e maio de 1939, apresenta vinte e oito páginas. Há uma alteração no preço da edição, que passa a ser vendida por 1\$500. Este volume contém quinze anúncios publicitários e na capa apresenta uma pequena nota, na qual ressalta a exclusividade dos textos publicados por *Ibirapuitã*: “Toda colaboração, salvo indicações, em contrário, foi escrita especialmente para esta revista”. A seção *Correio Amigo* não é publicada neste volume.

Entre os poemas destacam-se “El Rancho”, de Marcelino Pérez; a coluna “De Rebus Pluribus”, de Mario Quintana; “Contraste”, de Manoel Del Rio; “Naquela noite suave”, de Adão Carrazzoni e “Ofrenda”, de Maria do Carmo Tomas. Há ainda um ensaio intitulado “Ligeira palestra com Juca Ruivo”, colaboração especial para *Ibirapuitã*, e a crônica “A glória do Café Colombes”, de Abreu Fialho.

O v.6, lançado em junho de 1939, apresenta vinte oito páginas e dezessete anúncios publicitários. Cabe ressaltar o anúncio da “Casa Vitor”, de Álvaro Inácio de Medeiros, à página 8, que recebe, semanalmente, as últimas edições da Livraria do Globo. Além disso, há uma pequena nota divulgando o lançamento do livro *A Rua dos Cataventos*, de Mario Quintana, à página 19, com edição da Livraria do Globo. É possível percebermos por meio destes dois anúncios que *Ibirapuitã* estava em consonância com as atividades intelectuais desenvolvidas na capital gaúcha, não só divulgando-as, como também reforçando o diálogo com outras publicações do gênero.

No mesmo volume é publicada a coluna “De Rebus Pluribus”, de Mario Quintana; e os poemas “La Guitarra”, de Marcelino Pérez, e “São João”, de Odacir Beltrão. Ainda consta texto de Abreu Fialho intitulado “Machado de Assis”, em que discorre acerca do centenário do nascimento do autor, exaltando a importância de sua obra para o cenário literário brasileiro. Há uma carta de Monteiro Lobato, publicada originalmente no jornal *Gazeta de Alegrete*, na qual o autor tece elogios a Mario Quintana:

Prezado Sr. Mario Quintana

Não resisto ao prazer de lhe endereçar esta carta de agradecimento pelo fino prazer mental que através da *Ibirapuitã* me têm proporcionado seus versos. Que novidade eles representam no nosso *mare magnum* de poesias puramente sentimentais ou descritivas, sem uma sombra de ideia filosófica dentro! Cada conjunto de quatro versos seus constitui uma perfeita joia de forma e de filosofia da mais alta qualidade - a que paira no Olimpo do "humour". Tanto me tem encantado, que já despertei a atenção de meus amigos, e muitos andam com cópias a máquina no bolso. E os jornais da UJB também andam a espalhá-los pelo mundo.

Que coisa bonita o verdadeiro talento! Como vence, como se impõe - como se alastra por mais escondido que comece... Queira, meu caro poeta-filósofo, aceitar a sinceríssima homenagem de minha enorme admiração.
Monteiro Lobato

P.S: Não tem já matéria desse gênero que dê para um livro? Se tem, é com prazer que me empenharei para que a Editora Nacional o lance com todas as honras. (COELHO, 1939, p.26)

O v.7, lançado em julho de 1939, contém trinta e três páginas e dezesseis anúncios publicitários. São publicados os seguintes poemas: "Mensaje desconocido" e "Buenos dias, primavera"!, de Marcelino Pérez; a coluna de Mario Quintana que passa a se chamar "Do Pátio dos Milagres"; "Simpatia em dois atos", de Ênio Guimarães Campos; "Bairrismo", de Adão Carrazoni; "Parque de diversões", de Lisboa Carrion; "Supremo Instante", de Gerson Neves e "Poema do meu amor", de Carlos La Porta.

Nos v.8 e 9, em edição conjunta, correspondente aos meses de agosto e setembro de 1939, constituído por dezoito páginas e nove anúncios publicitários, notam-se algumas modificações em seu expediente: passam a figurar, além do diretor e dos redatores, as funções de tipógrafo-chefe, impressor e distribuidor, representados respectivamente por Plínio Lopes Rodrigues, Pedro Corrêa Neto e Conceição Gonçalves. A foto de capa é do Dr. Ciro de Andrade, prefeito municipal da época, personalidade à qual a revista dedica a presente edição.

No mesmo volume é publicada coluna "Pátio dos Milagres", de Mario Quintana e o poema "Tarde chuvosa", de Gerson Neves. *Ibirapuitã* ainda faz menção ao jornal *A Razão*, de Santa Maria, sob a direção de Galileu Inda, e divulga a abertura de uma sucursal de tal veículo na cidade de Alegrete. Lisboa Carrion escreve crítica literária intitulada "Pelas frestas do *Casebre*", em que discorre acerca da obra *Casebre*, primeiro livro de Heitor Saldanha, autor que passará a integrar, a partir de 1947, o *Grupo Quixote*. Este volume encerra a série que compõe o segundo ano de circulação do periódico.

A partir de 1939 podem ser observadas mudanças significativas em *Ibirapuitã*: redução no número de páginas; alteração de preço; ausência da seção *Correio Amigo* em alguns volumes; troca nas funções administrativas e o pequeno número de poemas publicados. Tal configuração aponta para um pequeno declínio em seu projeto editorial e não há nenhuma indicação de que a revista estaria em seu último volume. Após dois anos de circulação, o mensário chega a ser extinto por aproximadamente trinta anos.

Em sua segunda fase (1967-1972), a poesia veiculada por *Ibirapuitã* tem como autores Luiz de Miranda, Prado Veppo, Carlos Nejar, Armindo Trevisan, Mario Quintana, Carlos Nejar, Rui Neves, Laci Osório, Helio Ricciardi, Walmir Ayala, João Melgarejo, dentre outros. No corpo administrativo constam Antonio Brasil Milano, como diretor; de Sergio Faraco nas funções de redator e diretor – secretário. O periódico apresenta-se mais organizado; com circulação trimestral e patrocínio do poder público de Alegrete e Santa Maria, além de patrocinadores culturais. Entretanto edita apenas cinco volumes, deixando de circular em 1972.

CAPÍTULO 2 A POESIA NA REVISTA *IBIRAPUITÃ*

2.1 TEMATIZAÇÕES, CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E POEMAS SELECIONADOS

Para fins de análise da poesia veiculada pelo periódico *Ibirapuitã* em sua fase inicial (1938/1939), na qual perfaz um total de quinze volumes publicados, propõe-se a divisão em sete blocos temáticos abarcam os trinta e nove poemas, seguindo-se alguns critérios de seleção, a saber:

a) Frequência/ocorrência de publicação - inclusão de autores com até três poemas publicados na revista;

b) Poemas publicados em língua estrangeira (espanhol) não foram incorporados ao trabalho.

Eixos temáticos:

- a) Regionalismo
- b) Tempo, memória e infância
- c) O político – social
- d) A cidade
- e) O amor
- f) Religião
- g) Identidade

Poemas selecionados:

- 1) Caminho das Missões – Paisagem de Além – Ibicuí, de Juca Ruivo
- 2) Apego Nativo, de J. O. Nogueira Leiria
- 3) Soneto VII, de Mario Quintana
- 4) Canção do meio do mundo, de Mario Quintana

- 5) Soneto VI, de Mario Quintana
- 6) Cantiga para a minha esperança, de Antonio Brasil Milano
- 7) Na tua velhice, de Ari Martins
- 8) Tarde chuvosa, de Gerson Neves
- 9) Quando a saudade chegar, de Antonio Brasil Milano
- 10) A balada da saudade, de Átila Casses
- 11) Da Ilha do Paiva, de Túlio Chaves
- 12) O miserável, de Gerson Neves
- 13) Árvore de Natal, de Maria do Carmo Tomas
- 14) Batuque, de Lady Nagibe
- 15) Naquela noite suave, de Adão Carrazzoni
- 16) Povo da Lata, de Gerson Neves
- 17) Ou a cidade ou o rio, de Antonio Brasil Milano
- 18) Bairrismo, de Adão Carrazzoni
- 19) O teu poema, de Adão Carrazzoni
- 20) Luz interior, de Maria do Carmo Tomas
- 21) Loira Boneca, de Ari Martins
- 22) Homem mau, de Túlio Chaves
- 23) Final, de Maria do Carmo Tomas
- 24) Fragmento, de Lady Nagibe
- 25) Lembranças que eu mando, de Lady Nagibe
- 26) Seus olhos, de Átila Casses
- 27) Dos poemas íntimos, de J. O. Nogueira Leiria
- 28) Elogio a uns olhos azuis, de Ari Martins
- 29) Oferenda, de Maria do Carmo Tomas
- 30) Das penas de amor, de Mario Quintana

- 31) Do amoroso esquecimento, de Mario Quintana
- 32) Do casamento, Mario Quintana
- 33) Fariseus, de Átila Casses
- 34) Do Homo Sapiens, de Mario Quintana
- 35) Da santidade, de Mario Quintana
- 36) Da comunhão das almas, de Mario Quintana
- 37) (nome ilegível), de Mario Quintana
- 38) De mi mesmo, de Mario Quintana
- 39) Polichinelo, de Túlio Chaves

2.1.1 REGIONALISMO

Ao emprendermos a leitura do poema “Caminho das missões - Paisagem de além-Ibicuí”, de Juca Ruivo, é possível identificarmos elementos caracterizadores do regionalismo, tal qual a cor local. As imagens do “pago”, das “querências”, dos “rincões” e da “sanga” suscitam um ambiente campesino e a paisagem no poema é descrita como algo estático, fruto da observação do eu- lírico:

Lusco- fusco. Hora mansa.
Silêncio de Campo- Santo.
Se escuta o nítido canto
dum bem- te- vi solitário,
floreando o Hino do Pago.

Sombras mortas nas lagoas,
Nenhum contorno se esgarça
na planura ensimesmada.
Somente um voo de garça,
rumbeia lá pelos longes,
para a mancha clara da estrada
no Caminho das Missões .

Para o sujeito poético, o ato de descarregar mercadorias diariamente é comparado ao ofício da escrita: ambas as atividades exigem um esforço repetitivo e, por conseqüência, se tornam desgastantes. Portanto, temos o eu - lírico resignado perante o mundo:

Desponta entre a polvadeira,
tembléque, a velha carreta;
chiando um gemer de eixos;
carpindo a eterna canseira
de largar as cargas
nos portais das vendas,
das estradas largas;

de sacar peludos nas querências quietas,
nos rincões dispersos.
Pobre e torturada como alguns poetas,
na angustiosa lida,
de deixar os versos
nos portais da vida.

E a velha carcaça teatina,
rinchando as massas vai cumprindo a sina,
rumo das Missões.

O silêncio do campo é quebrado pelo grito do quero-quero, ave símbolo do pampa gaúcho, embora o eu- lírico retome um tom nostálgico ao elaborar a imagem da chama do “fogão do carreteiro”, outro elemento representativo da lida no campo, comparando-o a uma estrela no céu. Esta equivalência entre seus sentimentos e os elementos da natureza é constante ao longo do poema. A linguagem de cunho regional também se destaca:

Arrinconado na sanga,
agora o velho paisano
solta boi no pouso certo.

Não há rumor pelo plano,
nem o soluço do vento
acorda a alma das coisas,
nesta hora de nós mesmos...

Presumo que só desperto
Se encontra meu pensamento.

Mas o teo-teo corneteiro
Se alvorotou na restinga,
Rompendo no seu teo... teo...

E o fogão do carreteiro
na escuridão que se expande,
parece uma estrela grande
entreverada com as outras

que fogueiam no céu.²⁸

No poema “Dom Pablo”, de João Otávio Nogueira Leiria, temos a figura introspectiva de “Dom Pablo”. Seus segredos são tão profundos, misteriosos e antigos quanto às arcas de enterro, que representam sua vida anterior. A “figueira”, árvore símbolo do Rio Grande do Sul, é a guardiã desses tesouros, bem como os pensamentos de Dom Pablo:

Dom Pablo anda sempre fechado em si mesmo.

O ar em que se fecha Dom Pablo
tem um que de mistério profundo...
É que anda Dom Pablo que nem arcas de enterro.

Sei de umas à sombra velha
de figueiras milenares, enterradas.
Contam que são arcas de ouro
de nem sei que tempo...

E as figueiras, e a terra a que se agarram,
o tronco e as raízes dizem
pelos golpes que tem sofrido,
da anciã humana que lhe ronda os dias.

Sombrio como o ar dessas figueiras
é o soturno Dom Pablo.
Parecem rugas de árvores
os vincos que ele tem à face ...

É que tem tesouros humanos
de mágoa, de amor, ou remorsos talvez
enterrados em si.

Dom Pablo compõe parreiros.
Mas, sempre que os leva a jardeio,
Dom Pablo os sofrena no arranco,
e fica parado... Parado.
Parece ter medo que o levem de si...²⁹

Em “Apego nativo”, outro poema de João Otávio Nogueira Leiria, há um contraponto entre a vida do eu - lírico na cidade e no campo. O hedonismo encontrado nos círculos sociais

²⁸ RUIVO. Juca. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p.12.

²⁹ LEIRIA, Nogueira J.O. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.3, mar. 1938 .p. 20.

desencadeia seu conflito interior, embora os vícios e os prazeres mundanos o satisfaçam momentaneamente.

O sujeito poético, mesmo em contato com o espaço urbano, não perde sua identidade de homem do campo, pois é nele que deixa de ser o indivíduo deslocado e superficial que é na cidade:

Eu tenho visto o mundo,
e na cidade os meus anos moços
tiveram sensações profundas...
- Fidalgas intuições
que o luxo e a cultura
propiciavam-me a glória dos sentidos
de maneira admirável e harmoniosa!

À graça amorosa das mulheres
e a fineza dos homens cerebrais
eu tinha pronta e atilada,
para os sentir e admirar,
a minha rudeza de bárbaro
provindo do quieto rincão adusto...

Advinhava, inquietamente
nas noites boêmias
mas inda sestrosas de virtudes,
o tormentoso abismo escancarado
onde a garra macia e intátil do vício
asfixiava as gargantas sequiosas.
Pungiam-me, flagelaram-me os corpos que somente vibram
as multiformes sensações
engendradas por demônios sutis e amargurados...

Todas as requintadas expressões da vida,
desde os olhares das mulheres ao gesto dos homens,
plasmavam-me a alma da cidade
numa fisionomia volúvel e insidiosa.

E senti que algo renascia da minha vida,
qualquer coisa como um crispamento profundo,
como um anseio de me prender à terra
que eu perderia se não fora
o sentido ancestral do meu apego a ela...

Feliz este apego que proclamo!
Quero e exalto o recuo de quem vem
tangido pelo próprio coração
que aos apelos nativos se refunde! ...³⁰

³⁰ LEIRIA, J.O. Nogueira. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938.p.19.

Alguns elementos típicos da temática regionalista estão presentes nos poemas: a personalidade introspectiva do homem do campo; a equivalência entre os elementos da natureza e os sentimentos do sujeito poético; o conflito entre campo e cidade; a exaltação da natureza e a linguagem regional.

2.1.2 TEMPO, MEMÓRIA E INFÂNCIA

O poema “Soneto VII” de Mario Quintana, tematiza a dicotomia memória/infância. Recordar é o único ato que resta ao sujeito poético na construção do elo com o passado, neste caso, a infância perdida. Essa perda, lamentada, permite a visualização do universo infantil como uma realidade destituída de conflitos em oposição ao mundo adulto, repleto de responsabilidades. Na iminência de enfrentar os percalços da transição da infância para a maturidade, o eu- lírico se mostra melancólico e nostálgico, angustiando-se com a efemeridade do tempo. Perdura a presença do lúdico, tornando a infância perdida a época ideal para se viver:

Recordo ainda ... e nada mais me importa³¹
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam sempre de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta.

Mas veio um vento de desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino, acreditai,
Que envelheceu, um dia, de repente...³²

³¹ Do livro, a aparecer: “A RUA DOS CATAVENTOS”. (Nota do original).

³² QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.1, jan. 1938. p.5.

Em “Canção do meio mundo”, outro poema de Mário Quintana, temos o universo infantil caracterizado pela brincadeira típica de criança: a ciranda. A repetição dos versos na primeira estrofe, por meio de rimas interpoladas, caracteriza o movimento circular da ciranda dando ritmo ao poema. O “meio do mundo” representa o período que antecede a idade adulta, isto é, a infância, sendo possível antever no fim da ciranda o término deste universo lúdico:

A ciranda rodava
No meio do mundo
No meio do mundo
A ciranda rodava

E quando a ciranda
Parava um segundo,
Um grilo cantava
Sozinho no mundo

Dali a três quadras
O mundo acabava,
Dali a três quadras
Num valo profundo

Bem junto com a rua
O mundo acabava
Rodava a ciranda
No meio do mundo

E Nosso Senhor
Era ali que morava,
Por trás das estrelas,
Cuidando o seu mundo

E quando a ciranda
Por fim terminara
E o silêncio, em tudo,
Era mais profundo,

Nosso Senhor
Esperava...esperava...
Cofiando suas barbas
De Pedro Segundo.³³

Já no poema “Soneto VI”, do mesmo autor, temos a personificação da natureza, no caso da chuva, representada pela figura da avó; o eu - lírico a compara à tranquilidade da garoa. A menção às histórias infantis permite-nos inferir que a persona poética transita entre o

³³ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938 . p. 27.

lúdico do mundo infantil e a sisudez da fase adulta. A tarde que cai é o dia que termina como uma pequena morte cotidiana, no entanto, seu conflito existencial parece não cessar:

Avozinha Garoa vai cantando
Suas lindas histórias, à lareira.
“Era uma vez... Um dia... Eis senão quando...”
Até parece que a cidade inteira

Sob a garoa adormeceu sonhando...
Nisto, um rumor de rodas em carreira
Clarins ao longe... (E o rei que anda buscando
O pezinho da Gata Borracheira!)

Cerro os olhos; a tarde cai, macia
Aberto em meio, o livro ainda não lido
Inutilmente sobre os joelhos pouso

E a chuva uma outra história principia,
Para embalar meu coração dorido
Que está pensando, sempre, em outra cousa...³⁴

Já no poema “Cantiga para a minha esperança”, de Antônio Brasil Milano, temos mais uma vez a infância perdida evocada pelo eu - lírico. Apenas no universo infantil há possibilidade de concretização das aspirações, pois a transição para o mundo adulto deságua em um conflito interior:

Foi num sonho de criança
que veio minha esperança
num barquinho de papel.

Foi ninada com carinho
nunca saiu do barquinho
que trouxe Papai Noel.

Meu barquinho não descansa,
meu barquinho sempre avança
qual um soberbo batel.

Ele é o barco de um menino
o mundo é tão pequenino
e todo feito de ouropel.

³⁴ QUINTANA, Mário. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.4 e 5, abril/maio.1938. p. 4.

Era uma vez... um barquinho
que voltou no seu caminho
e bem depressa singrou...

Me deixou em outra idade,
foi buscar felicidade
e até hoje não voltou...³⁵

No poema “Na tua velhice”, de Ari Martins, temos a degradação física vivenciada no período da velhice; onde a efemeridade do tempo desfaz as ilusões da juventude. Para o eu – lírico, a velhice é um tempo de sofrimento tal qual o vento “álgido e rude” e com “rajadas assassinas”. Na juventude, as memórias são alegres e a felicidade constante, ao contrário da velhice, povoada pela solidão e pelo ato da reminiscência, que reforça o elo entre presente e passado. Para o sujeito poético, lembrar é vivenciar novamente os momentos bons, inclusive o amor perdido da mocidade:

Quando for tudo junto a ti ruínas
de um sonho morto que não mais ilude;
quando tuas mãos, hoje lírias e finas,
se enregelarem na decrepitude;

quando o vento soprar, álgido e rude,
da velhice, em rajadas assassinas,
quando olhares a tua juventude
de Pierrôs, Arlequins e Colombinas:

lembrarás certamente, eu o adivinho,
os que andaram contigo no caminho,
que o passado de risos adornou...

E talvez que te surja, então, querida,
a saudade de alguém que toda a vida,
loucamente na vida te adorou...³⁶

No poema “Tarde chuvosa”, de Gerson Neves, há também idealização da infância. É por meio das reminiscências a persona poética se compraz. A chuva é o elemento que o conduz a esse passado melancólico, permeado pelas coisas simples da vida. A “farinha de cachorro”, elemento típico da culinária gaúcha – mistura de farinha de mandioca e açúcar - denota uma infância difícil, parca de recursos; embora esse período represente a segurança

³⁵ MILANO, Antonio Brasil. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p.8.

³⁶ MARTINS, Ari. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.3, mar., 1939.p.10.

emocional da qual o eu - lírico, amadurecido, já não dispõe. O “agasalho do fogão bem quente”; a “casa”; o “pessoal”; a “roda de chimarrão” caracterizam essa ideia de conforto. Relembrar os bons momentos é o que desencadeia seu conflito interior:

Esta chuvinha caprichosa e fria...
Caindo assim, indiferentemente,
Pinga e respinga todo o santo dia,
Umedecendo o coração da gente...

Quando pequeno em casa se fazia,
Ao agasalho do fogão bem quente,
Muita farinha de cachorro. E ria
O pessoal... Aquilo era excelente!

O mate doce, então, corria a roda;
Alguém cantava qualquer coisa em moda,
E a tarde toda se passava assim...

Mas, hoje (é triste lembrar agora!)
Em vez das belas reuniões de outrora,
Restam saudades que não tem fim..³⁷

No poema “Quando a saudade chegar”, de Antonio Brasil Milano, a saudade trará de volta todas as vivências do eu - lírico com “seu manto tecido com mil e uma histórias”. No passado, ficaram os bons momentos que se transformaram em lembranças, representados pela imagem dos “navios perdidos/carregados de glórias. São as lembranças que mantêm o sujeito poético tranquilo e esperançoso, perpetuando na memória um tempo de realizações que não volta mais:

Quando a minha saudade chegar
Com seu manto tecido
Com mil e umas histórias,
Hei de surpreendê-la e perguntar
Pelos navios perdidos
Carregados de glórias

Eu sei... minha saudade há de pensar,
Que o alongado espanto,
Suspenso na abstração do meu olhar,
E pelas mil e uma histórias do seu manto,
Mas, no mundo dos seres e das cousas, há tantos
Recônditos segredos para desvendar...

³⁷ NEVES, Gerson. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.8 e 9, agost/set, 1939.p.8.

Quando a minha saudade chegar
Eu lhe direi talvez,
Com disfarçado carinho:
Volta, Saudade, pelo teu caminho,
E deixa-me sonhar mais uma vez...³⁸

No poema “A balada da saudade”, de Átila Casses, o retorno às reminiscências é desperta o sentimento de saudade. Esta é “triste”, “amarga”, “agra”, “dolorosa”. Não há mais saída para a resolução de seu conflito, isto é, está fadado a sofrer infinitamente, como podemos perceber no verso “chora o cadáver das esperanças”:

Agra saudade...
lilás sacrário,
que guarda a hóstia de meu afeto...
É dolorosa, como um Calvário,
como um remorso, vive o secreto!...

Na bruma roxa
que te circunda,
vive a tristeza feral dos círios...
Tens cor funérea de angústia funda,
a cor violácea de meus martírios!...

Em teu perfume
sutil e forte,
vagam ressaibos de mil torturas...
E teu aroma, filtro de morte,
feito de prantos e de amarguras!...

Saudade triste!
Por que recobres
com tons dolentes minhas lembranças?!
Quando tu chegas, minha alma em dobres
chora o cadáver das esperanças!...

Saudade amarga!
Com os teus cardos,
por que me enches de cicatrizes?!...
Por que me torturas sob os teus dardos,
o mais tristonho dos infelizes?!...

Agra saudade...
lilás sacrário
de um sonho morto sob tua palma...
És dolorosa com um Calvário,
amarga e triste como a minha alma!...³⁹

³⁸ MILANO, Antonio Brasil. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.2, fev., 1939.p.28.

³⁹ CASSES, Átila. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n. 8 e 9, ago/set.1938.p.17.

A idealização da infância perdida; a saudade; a efemeridade do tempo e o conflito íntimo são temas recorrentes nestes poemas, fortemente marcados pela estética romântica.

2.1.3 O POLÍTICO - SOCIAL

No poema “Da Ilha do Paiva”,⁴⁰ de Túlio Chaves, temos o eu - lírico impelido a transformar a sociedade, mas o desejo de liberdade, ainda que contínuo, se esvazia na aceitação deste mundo desigual onde os sonhos se desfazem. A ideia de “ilha” representa seu isolamento. Há o encarceramento físico, pois a liberdade almejada é representada por elementos pertencentes ao mundo externo, como o “ar puro” e “uma nesga de sol”. O título do poema faz referência ao cárcere de presos políticos criado no período da ditadura getulista:

Já tive aspirações, cheias de sonhos,
Já queimei minhas asas contra a luz,
E nos meus ideais, sempre risonhos
Diversas ambições vinham a flux.

E hoje, encerrado em cárceres tristonhos,
Resignado, carrego a minha cruz,
Sem mais aspirações e sem mais sonhos
Do que a liberdade, a grande luz.

As ambições são sempre limitadas
Ao tamanho do ambiente em que se as tem.
Só ambiciono aqui pequenos nada:

Ar bem puro, ao ar livre respirado,
Uma nesga de sol (que grande bem!)
E a liberdade imensa que hei sonhado.⁴¹

Já no poema “O miserável”, de Gerson Neves, o sujeito poético na condição de observador descreve um indivíduo marginalizado pela sociedade. A “dor” e a “angústia” são os únicos sentimentos que o mantêm lúcido.

⁴¹ CHAVES, Túlio. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p. 14

O eu - lírico, por meio da contemplação da figura marginalizada, se mostra indignado diante da indiferença da sociedade em relação às questões sociais. Mas nele subjaz certo descomprometimento com tal realidade, já que sua contestação se faz apenas no plano da observação e não há concretização efetiva do seu desejo de transformar. Há a utilização da imagem da “cloaca” para ratificar o lugar periférico dos desiguais:

...e caminhava, caminhava lento,
vergado ao peso da desgraça ingente;
tudo fitava e murmurava ao vento:
- eu tenho fome! tenho febre ardente!

A dor, a angústia que o fazia atento,
Que o punha alerta, como que demente,
Se lhe estampava no rosto
Sedento andava à toa, interrogava gente...

Ei-la! É a miséria em sua plenitude
Inferno vivo, a provação mais rude,
Para que na vida transitar possamos!

Não sei!... há gente neste mundo afora
Que nessa cloaca mergulhada implora
E implora sempre o que desperdiçamos!⁴²

No poema “Árvores de Natal”, de Maria do Carmo Tomas, temos a data natalina como contexto para a descrição de uma realidade economicamente desigual. Nas duas primeiras estrofes o dia de Natal é visto de forma positiva pelo eu - lírico; a árvore colorida representa a felicidade em se comemorar tal data e temos a descrição de um espaço idealizado, onde o período natalino é usufruído por quem vive em condições sociais satisfatórias, fato percebido pela imagem da “sala atapetada”, “luzes”, “brinquedos”, sendo “a mais bonita de todas as árvores”.

Na terceira estrofe temos a “árvore de Natal” como representação da juventude, a vitalidade que permeia essa fase da vida é motivo de alegria, é a “mais florida das árvores”, as flores remetem ao viço, à força, à coragem dos jovens diante de qualquer dificuldade. Na quarta estrofe temos a degradação do ambiente, isto é, “é a mais feia das árvores”. A condição

⁴² NEVES, Gerson. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.3, mar. 1938. p. 14.

de miséria é caracterizada pelo “ranchinho de palha”, local “aonde falta o pão e com uma árvore “sem enfeites e luzes”, definindo-a como “Árvore da Pobreza”.

A “mais serena das árvores” representa a maturidade, período permeado pela tranquilidade e sabedoria. A passagem do tempo pode ser percebida pela metáfora “entre os cabelos brancos/a neve se desfaz”. Ao final do poema, o conflito existencial do eu-lírico surge em razão de sua desesperança perante a vida; a idealização de uma “árvore de natal perfeita”, isto é, de uma realidade repleta de alegrias, é desconstruída:

Papai Noel, um dia de Natal⁴³,
veio à terra,
e pôs dentro de cada vida
uma árvore colorida!

E na sala atapetada,
enfeitado de luzes
pendendo de brinquedos
rodeado de petizes
o pinheiro da floresta
é a árvore de natal
das crianças felizes!

E...é a mais bonita de todas as árvores da festa!

Dentro do coração,
da mocidade que passa
aos pares, de mãos dadas,
sem medo, sem temor...
o Natal é uma Árvore
toda feita de flores...
É a Árvore do Amor!

E... é a mais florida das árvores da Vida!

No ranchinho de palha,
onde não há beleza...
entre a fome e a miséria...
aonde falta o pão
o natal pôs uma árvore
sem enfeites e luzes...
A Árvore da Pobreza

E...é a mais feia as árvores, então...

Na penumbra da floresta,

⁴³ Natal de 39 (Nota do original).

os pinheiros que ficaram,
na manhã colorida...
tem toda a alma em festa,
e dançam um bailado
na árvore da Vida!

E... é a mais feliz de todas as árvores, que armaram...

No seio da velhice,
entre os cabelos brancos
a neve se desfaz...
E Noel, no grande dia
pôs uma árvore imensa
- que é a Árvore da Paz...

E... era a mais serena das árvores, que havia...

E os que como eu...
olham dentro da vida
com um deserto na alma
e que vivem sem fé...
sem crença, na incerteza...
Oh! – destino fatal! –
a árvore da festa...
acena num Adeus!
É a Árvore da Tristeza!
A Árvore da Saudade!

E...ela é um esqueleto de Felicidade!
É um esqueleto de Árvore de Natal!⁴⁴

Em “Batuque”, de Lady Nagibe, temos um poema narrativo a apontar para uma suposta diferença entre brancos e negros, suscitada pelo contexto social. O Sinhô branco é descrito de forma negativa: “nojento”, “esquisito”, “rabuja”, “ciumento”, “não gostava de baile”. No entanto, apesar de se estabelecer uma relação de poder entre o “senhor branco” e o “escravo” e a cisão entre classes sociais, a ideia é desconstruída pelo fato da Sinhá branca sair às escondidas para o terreiro e dançar junto aos negros. O batuque, festejo popular dos escravos, é compreendido como algo profano, subversivo, quase uma possessão, como podemos observar no seguinte verso “frenesi satânico da raça”. A dança, tanto para os escravos como para Sinhá, serve como escapismo da opressão do Sinhô branco.

De certa forma, ao promoverem o “batuque”, os escravos legitimam sua identidade, pois valorizam suas crenças e sua cultura. O festejo é uma libertação e por meio da dança o escravo e a Sinhá branca se igualam. Mas por pouco a Sinhá não é surpreendida pelo marido,

⁴⁴ TOMAS, Maria do Carmo. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.12, dez, 1938.p.10-11.

que a oprime por não permitir que esta se misture à criadagem. Discretamente, ela retorna ao lar e alega sua preocupação com os filhos como motivo de sua fuga. Enquanto isso, no terreiro, o festejo continua e Sinhá permanece sendo reverenciada pelos escravos:

Sinhô branco nojento, esquisito e rabuja,
Não gostava de baile
Sinhô branco ciumento,
Afinal já dormia...
Sinhá Palmiría virou-lhe os sapatos,
(para não acordar enquanto ela estava ausente)
E saiu pé por pé
até a porta que espiava o terreiro...
A Moçada brincava lá fora:

- Mamãe que dê o pandeiro...?
- Rato roeu!
- Valha-me Nossa Senhora que o pandeiro não era meu!
E o coro mais forte repetia:
- Pandeiro, Sinhá! Pandeiro, Sinhá!

Sinhá correu doida pro acampamento,
às esconsas de sinhô branco,
E entrou no meio da roda,
Dançando... dançando... dançando loucamente,
com o frenesi satânico da raça

Lá de cima, as estrelas atônitas,
Fitavam o terreiro...
A noite escancarava a boca larga de africana,
Rindo...rindo... pro batuque!

Mas em meio do zabumbar dos
Bombos barulhentos
A imagem de sinhô branco fez tremer a sinhá...
E deitou a correr para a casa,
Esgueirando-se sutil qual felino ...

Ao ranger os gonzos, enferrujados, da porta,
Sinhô branco, espantado abriu os olhos duvidosos
Mas sinhá dignamente interveio:
Levantei para cobrir as crianças...
O silêncio reinou
Só de longe em longe, vinha um som
Longínquo e abafado:
- Pandeiro, Sinhá! Pandeiro, Sinhá!

O poema “Naquela noite suave”, de Adão Carrazzoni, por sua vez, trata da descrição de um indivíduo de classe social inferior: “casinha pobre”, o “pequeno quarto”, um “livro

emprestado”, o “rádio do vizinho”, o “ambiente humilde”. Alguém com poucos recursos, mas que ao entrar em contato com a arte, consegue se afastar, ainda que momentaneamente, desta intrincada realidade. A dificuldade em que se encontra tal indivíduo é sublimada pela arte, fazendo-o valorizar muito mais o conhecimento do que os bens materiais.

A presença da chuva dá um tom melancólico à cena e sua regularidade se assemelha à realidade do sujeito poético: nada muda, nada se transforma, tampouco sua condição social “Lá fora, a chuva continuava mansamente”. O verso que aponta “os olhos pisados daquele moço triste” sinalizam que tal indivíduo já suportou muitos sofrimentos e agora se encontra em total solidão. No entanto, a menção de um autor canônico como Papini lido pelo rapaz se contrapõe à sua condição marginal, criando um abismo social, isto é, a alta cultura está sendo apreciada por alguém não pertencente a este mundo, haja vista que o livro é emprestado:

Naquela noite suave,
em que até a chuva parecia que caía mansamente,
um não sei que de vago e indefinido
trazia qualquer coisa de poesia
para o ambiente humilde da casinha pobre...

E na quietude morna de seu pequeno quarto
O moço lia, emprestado, um livro de Papini...
No rádio do vizinho,
envolvente e delicada como uma carícia,
que falava em um grande amor
desfeito pelo ciúme!
Lá fora, a chuva continuava mansamente,
e na quietude morna do pequeno quarto
tudo ia como dantes...
Apenas dos olhos pisados daquele moço triste,
Rolaram duas lágrimas de dor e de saudade.⁴⁵

Embora a questão social seja problematizada em ambos os textos ocorre, na maioria das vezes, por meio da observação do eu – lírico, isto é, não chega a ser combatida de fato. O desejo de liberdade e a extinção das mazelas sociais são apontados como solução para transformar essa realidade.

2.1.4 A CIDADE

⁴⁵ CARRAZZONI, Adão. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.4-5, abril/maio, 1939.p.19.

No poema “Povo da lata”, de Gerson Neves, temos no título do poema referência a uma rua popular de Alegrete. O eu - lírico, em constante conflito existencial, busca amenizar sua angústia transitando pelos espaços da cidade. O bairro pobre é caracterizado por meio de alguns elementos, tais como o cão de rua, os bares e a batucada:

Zona pobre da cidade:
latidos... fio de fumo a se esvair...
Bodegas, celeuma, alacridade,
tudo vai ao som de toques confundir...

Histérica risada o ar invade
e em meus ouvidos fica a retinir
o eco que me traz uma saudade,
e leva uma tristeza ao se extinguir!...

A esmo saio, então, por vielas tortas;
passo a passo ando as ruas mortas...
Já um guaiepeca me sai acuando...

A loura tarde vai-se imergindo
e já de volta, lento, venho vindo
E a batucada, longe, está vibrando!⁴⁶

No poema “Ou a cidade ou o rio”, de Antônio Brasil Milano, o autor refere-se ao rio *Ibirapuitã*, elemento importante na formação histórica de Alegrete. A água representa a purificação das chagas provocadas pelo progresso da cidade; isto é, a natureza conserva sua pureza ao contrário do espaço urbano que se degrada paulatinamente.

O rio, enquanto elemento apaziguador dos conflitos ocasionados pelo desenfreado crescimento urbano, apresenta uma imagem pueril, enquanto o progresso da cidade é visto de forma negativa. O rio parece ocultar as ilusões do eu - lírico que vislumbra nos elementos da natureza a possibilidade de finalizar seu conflito. Na última estrofe é reiterada a ideia de purificação do rio sobre a cidade. Há a idealização do espaço local, isto é, certo “bairrismo”, já que a madrugada na cidade é a mais bela do mundo:

Rio, cor de prata, que a cidade margeia

⁴⁶ NEVES, Gerson. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p.3.

e célere corre e serpenteia,
gaiato, brincando pelas pedras nuas...

Como são livres as tuas águas!
livres e espontâneas como as mágoas
que os cancioneiros gemem pelas ruas...

Há grande diferença entre a cidade e o rio!
A cidade assiste, em doido desvairio,
embuçada em pesados novelos

de sombra, na rua nevoenta,
um desfile patético e sonolento
adormece em sobressaltados pesadelos...

E eis que raia a mais bela madrugada do mundo!
e indiferente arrebatada do fundo
do rio... um pedaço de céu que era seu sonho;

a estrela milagrosa dos párias do destino
se estampa nas águas: o sol e os raios peregrinos
levam mais vida a vida... uma alegria ao tristonho

Belo e magnífico o festim do triste
pela primeira alegria, e que sorrindo assiste
a mesma festa pela natureza...

Pelas margens do rio mora a alegria
nem pode mesmo haver melancolia
onde há força e rigor, vida e beleza,

e continuam a correr as águas cantadeiras
e atrapalham o ramerrão das lavadeiras;
lavam roupas... sujam vidas, lavam roupas...sujam vidas;

e a cidade? e o coração da cidade
ávido de amor e cheio de maldade
e de impossíveis tramas por demais urdidas?

é o mesmo rio que a cidade margeia
e célere corre e serpenteia
sempre puro, sonhando sempre um pedaço de céu

que rolando as águas no harmonioso canto,
lava o mais doloroso desencanto
do coração da cidade que a alegria esqueceu.⁴⁷

No poema “Bairrismo”, de Adão Carrazzoni temos o olhar do eu - lírico sobre a cidade. Por se localizar no interior, isto é, à margem dos grandes centros, sofre com a

⁴⁷ MILANO, Antonio Brasil. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.1, jan. 1938. p.4.

indiferença política que só faz aumentar seus problemas como o “rio sujo” e “as ruas esburacadas”. No entanto, apesar de tecer críticas à cidade, o sujeito poético a percebe com olhos ufanistas, reiterando a ideia encontrada no título do poema. O sentimento de pertencimento o faz crer que, apesar das dificuldades que a cidade enfrenta, ainda assim se sobrepõe a outros lugares:

A cidade onde nasci
é uma cidade pobre do interior
esquecida por todos os prefeitos...

Tem um rio sujo que lhe passa ao lado
e as suas ruas, coitadas,
são mais esburacadas
do que o rosto de alguém
que teve varicela...

Mas eu, no meu grande bairrismo sem limites,
acho a minha cidade
a mais bela cidade do Universo!...⁴⁸

O ufanismo ou a exaltação do espaço local é evidenciado em ambos os textos. Embora o sujeito poético perceba os aspectos negativos da cidade, ainda sim, a vê com olhos afetivos, sublinhando a ideia de pertencimento e reafirmação de sua identidade, algo a ser pensando também sob a influência do romantismo.

2.1.5 O AMOR

Em “O teu poema”, de Adão Carrazzoni, temos na primeira estrofe a invocação da musa, objeto de desejo do eu - lírico. Tal desejo se expressa por meio do amor carnal. A persona poética se utiliza da metalinguagem para se eximir da culpa de desejar desenfreadamente sua amada, justificando suas ações pelo próprio ofício da escrita que, neste caso, não deve ser levado a sério. A figura do “boêmio” não é digna de confiança, já que vive no mundo da ilusão. A fuga da realidade se dá pelo hedonismo:

⁴⁸ CARRAZZONI, Adão. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.7, julho, 1939.p.8.

Maria de Lourdes,
tens um nome cantante e sonoro,
que digo e repito, baixinho, sem nunca cansar!...

Maria de Lourdes,
tens um corpo de moça e menina,
que penso e espero que ainda seja meu!...

Maria de Lourdes,
perdoa as loucuras do poeta que te ama,
que repete o teu nome e te quer possuir...
- Ele - coitado
é um boêmio tristonho que sonha acordado !...⁴⁹

No poema “Luz interior”, de Maria do Carmo Tomas, temos distintas percepções de mundo relatadas pelo eu - lírico do poema. Em um primeiro momento, há idealização da juventude. O hedonismo e o amor carnal são o caminho para a satisfação pessoal. No entanto, o eu - lírico se apraz pelo ofício da escrita: é a literatura que lhe atribui sentido para sua existência.

Em um segundo momento, temos a maturidade a transformar a visão idealizada da vida, desfazendo as ilusões da juventude. A busca pelo hedonismo é efêmera, os prazeres mundanos apenas desestabilizam a tranquilidade interior. O amor também se desfaz em desilusões. Mais uma vez, o eu - lírico reitera a ideia de que arte lhe salva de um mundo vazio e se utiliza da metalinguagem para expressar seu comprometimento com a escrita. Tais pontos de vista são representados pela ótica de três mulheres:

Éramos três amigas... éramos três crianças,
com a alma a reflorir em doces ilusões
e ternas esperanças
entrando pela vida!

Uma delas disse assim, um dia:
“Eu vivo da alegria...
Quero me divertir para viver,
para poder ser feliz...
Amo o prazer!”

A outra assim falou:
“Quero sentir bem dentro de minh’alma,
do amor a chama louca e crepitante...
Quero abrasar-me toda num instante...”

⁴⁹ CARRAZZONI, Adão. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938. p.7.

Amar ardentemente...
Amar com volúpia”...

Eu disse simplesmente:
“Amo a poesia!”

Encontramo-nos depois,
(a vida já ia em meio)
com o farnel das ilusões já quase findo...
Contemplei-as sorrindo...

Disse a primeira:
“Busquei na orgia a minha felicidade,
mas ela foi passageira...
e cansei de gozar
Trago a alma ferida,
passo a chorar a vida...”

A segunda contou:
“A mentira no amor é uma realidade...
Abrasou-me a sua chama...
E agora...
só me restam as cinzas
espalhadas na estrada
da minha vida em fora...”

A compaixão pôs uma lágrima triste
dentro do meu olhar...
O Prazer e o Amor morreram para elas...
Os meus Versos existem...
Ainda amo a Poesia...
que não me abandonou
desde que a quis
Contemplando-as, então, eu pensei alto:
“De nós as três... eu sou a mais feliz!”⁵⁰

No poema “Loira boneca”, de Ari Martins, temos a personificação da figura feminina por meio da imagem da “boneca”, representado a perfeição da musa invocada pelo eu - lírico. A mulher é vista como o objeto sedutor, a perdição, portadora da beleza e do mistério, sendo comparada à “Circe”, feiticeira da mitologia grega, especialista em venenos. A descrição sensualizada do corpo da mulher aponta para um amor carnal. No entanto, a beleza também é fonte de superficialidade.

Além do desejo carnal, nota-se a idealização do amor, pois o eu - lírico vê-se incapaz de concretizar sua escolha amorosa; e ainda reitera a ideia de superficialidade, pois a beleza,

⁵⁰ TOMAS, Maria do Carmo. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p.4.

compreendida como mero adorno, também é encontrada na figura da boneca se pensada como um ser autômato, sem racionalidade ou sentimentos:

Semblante que seduz; sorrisos que me matam
lindos, lúbricos, lésbios lábios de rubi
dois olhos muitos azuis, arrebatam
os cabelos de Circe em grande garavim;

mãos macias, mãos mimosas de marfim,
mãos de má que um rancor de rebelde retratam
os seios sensuais, soberbos, de cetim,
dos quais desejo, dano e dengue se desatam.

E aí formada fica fútil figurinha,
saltitante, sutil, satânica e sapeca,
que eu sonhei ser um dia unicamente minha,

Sem lembrar, se quer, que é pura pretensão
o pensar-se possuir o amor de uma boneca,
se as bonecas que não tem - coitadas!-coração...⁵¹

No poema “Homem mau”, de Túlio Chaves, não há idealização da musa. A degradação da figura feminina se dá pelo desvio de conduta; os prazeres e vícios da vida mundana a transformam em um ser promíscuo. Na última estrofe temos crítica às convenções sociais, pois o “homem mau” por pertencer à alta sociedade, não deveria apresentar um desvio de caráter, ideia esta que é desconstruída ao longo do poema:

Encanto da família, ela vivia
Alegre, sem poder nem um sarau.
Elegante e feliz... Até que um dia
Entrou-lhe pela casa um homem mau.

E levou-a ao alcance para a orgia.
Tinha tanto dinheiro o homem mau!
E na escada da vida (oh vilania!)
Atingiu até o último degrau.

Corrompida, alcoolista e sem moral,
Foi desempenhado, num rolar insano,
Até parar no leito do hospital.

E revoltado quem ficar não há de?
o homem que lhe causou tamanho dano
faz parte da primeira sociedade.⁵²

⁵¹ MARTIN, Ari. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.3, mar. 1938 .p. 9.

No poema “Final”, de Maria do Carmo Tomas, é possível inferir, a partir do título, que a composição trata do fim, neste caso, do amor. Temos no eu - lírico a voz feminina que lamenta o término da relação amorosa. O sujeito poético equipara-se a elementos da natureza como a “flor murcha”, “desfolhada”, apontando-nos para uma ideia de degradação. A juventude, que perpetuou esse amor, servirá como marcação temporal da desilusão amorosa:

Tudo findo entre nós...
E do meu lindo sonho só me resta
o perfume doloroso da saudade...
Como uma flor já murcha, desfolhada...
rolando, desprezada,
ao fim desta festa
do grande amor da minha mocidade!⁵³

No poema “Fragmento”, também de Lady Nagibe, a dor pelo amor perdido é personificada por elementos da natureza como o “dia agonizante” e o “cair da noite”, que demarcam a ideia de fim. As lembranças, que perpetuam esse amor na memória, são evocadas e desencadeiam o conflito interior do eu - lírico:

Vi o teu vulto desenhar-se na espiral cinzenta
Do dia agonizante...
Vi!...
Depois, com o cair da noite,
A minha alma encheu-se de pensamentos melancólicos...
E cerrei o álbum
Das recordações queridas,
Com o fecho prateado
Das minhas lágrimas!...⁵⁴

No poema “Lembranças que eu mando”, de Lady Nagibe, temos o sujeito poético que se utiliza dos elementos da natureza para representar seu mundo interior. Na primeira estrofe, podemos perceber que a “água”, representada como a força ou “o aguaceiro que lavou os galhos”, indica uma espécie de purificação, isto é, depois de todas as dificuldades vivenciadas, tudo se apaziguou. A presença do “sol” também abranda o fim do caos interior

⁵² CHAVES, Tulio. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.4 e 5, abril/maio.1938. p. 5.

⁵³ TOMAS, Maria do Carmo. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938. p.28

⁵⁴ NAGIBE, Lady. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938. p.30.

vivido pelo eu - lírico; assim como a paisagem se torna mais tranquila, seu interior também é serenizado. No entanto, “a tarde calma de agosto” o deixa melancólico, contemplativo, haja vista que o mês de agosto, característico das estações frias, revela a rudeza com a qual eu - lírico precisa conviver.

A voz feminina que representa o eu - lírico permanece contemplativa acerca da natureza que o cerca; e ao entrar em contato com esses elementos sua realidade interior é transformada. Resta apenas a lembrança de um tempo bom em contraponto com o seu presente repleto de solidão.

Há a reminiscência do amor perdido, embora exista aceitação por parte do sujeito poético diante de tal fato, compreendemos que esse amor lhe tornou a vida menos áspera, reacendendo a esperança em seu coração. Elementos como “tarde clara”, “brisa mansa” e “pombas brancas” sinalizam resignação e o apaziguamento de seu conflito interior, pois configuram a ideia de leveza:

Depois do aguaceiro que lavou os galhos,
Veio um sol leve, de ouro fino,
Dar uma suave demão à paisagem...

A paisagem clara, da tarde calma de agosto,
Que me deleitava o melancólico olhar...

Abri a janela e respirei a flux...
Deixando-me banhar o rosto dessa luz
Dourada que vinha lá do céu...
Abri os meus pulmões ao ar que penetrava,
Trazendo-me todos os aromas de um tempo só,
E deleitei-me na minha solidão!
Era porque pensava em ti...
E comparando
O parêntese luminoso que abres na minha vida,
Tive um sorriso triste e resignado!
E dentre as minhas lágrimas acenei com um gesto,
Para o sol da tarde clara e a brisa mansa
E falei às pombas brancas que falavam alto:
- Saudades a Ele, que mandei!...⁵⁵

No poema “Seus olhos”, de Átila Casses, o eu - lírico se concentra na descrição dos olhos de sua musa; o surgimento da amada em sua vida lhe surrupia o sossego e se vê

⁵⁵ NAGIBE, Lady. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938.p.5.

envolvido por um sentimento arrebatador: o amor é como um feitiço, uma maldição, um inferno pessoal.

É por meio de antíteses que a persona poética descreve o olhar da musa, contraditório tal qual o amor: “matinais/crepusculares; “sombra/luz;” “sol/trevas”; “risos/pesares”. O amor é divino, sagrado e, no entanto, profano. O olhar da amada também é plácido, como “o luar” e “o mar sem onda”. No entanto, não é na religião que encontra sua amada, “os olhos” da musa são vislumbrados na poesia e a ideia de contraposição entre divino/profano é reiterada ao final do poema:

Foi, algures...
no Cântico dos Cânticos ou no régio
que minha alma- esta minha alma emotiva
de boêmio e sentimental, -
viu cair, sobre si, o doce sortilégio
de uns olhos assim!

Bem podes
fantasiar a mágoa viva
que, - por meu castigo e por meu mal, -
pesa sobre mim!

Olhos de Sonhos e Mistérios
Olhos Matinais Crepusculares
Olhos de Sombra e Luz... Olhos Sidéreos,
feitos de Riso e Sol, de Trevas e Pesares!

Olhos de Penumbra
Olhos de Saudade
Olhar que encanta... Olhar que...
Olhos - Cristãos de Irmã de Caridade!

Olhos de Mistério...De Tristeza...
Olhos ... de Santa Tereza
De Jesus!

Olhos de Luar... de Mar sem Onda...
Olhos, - pagãos e magos, - da Gioconda
plenos de Luz!

Não! não foi nos textos velhos...
Não foi na Lenda nem nos Evangelhos
que eu vi, algures, esses Olhos Seus,
cambiantes e lindos como os Ceus! ...

Seu Olhar que ninguém jamais define,
vi-O, - cheio de amor e de meiguice,-
foi num verso soberbo de Racine...

Em “Dos poemas íntimos”, de João Otávio Nogueira Leiria, temos a valorização da beleza física da mulher amada. Para o eu - lírico, as mãos da musa representam o apaziguamento do seu caos interior e é nesse amor que ele se refugia, encontrando sentido para sua existência. A musa, idealizada pelo sujeito poético, tem o poder de torná-lo perfeito. Nenhuma dificuldade parece habitar o mundo enquanto a amada está presente; a atmosfera se condensa somente em coisas positivas:

Querida, a tarde canta pela voz de todos os silêncios...
A tarde é um nimbo caricioso sobre nós.
Tenho a impressão de que os sonhos mais furtivos são palpáveis,
porque os sinto nas tuas mãos,
nas tuas mãos que são mais leves
do que os sonhos mais furtivos...

Ó claridade das tuas mãos, Querida,
mais leves do que as asas pelo ar...
Como esvoaçam inquietas por meus olhos,
como pousam de leve no meu ombro
as tuas mãos...
Sinto-me bem e quero-me perfeito
Pelo milagre das tuas mãos.

Acredita nas tuas mãos, Querida...
Vê como elas chamam os pássaros
sem que tu o queiras,
porque elas são apelos instintivos
aos pássaros, à luz,
e a tudo quanto é leve como o sonho
que, em vez dos pássaros, vem pousar nas tuas mãos...

A tua vida fugiu toda de teu corpo para as mãos...
Só as tuas mãos vibram pelo ar, Querida,
sob o nimbo da tarde silenciosa...

Todos os silêncios espreitam o milagre das tuas mãos...

Acredita nas tuas mãos, Querida,
Faze-me bom, faze-me justo,
Faze-me piedoso para com a vida,
para com a vida que é um milagre das tuas mãos,
só das tuas mãos, Querida...⁵⁷

⁵⁶ CASSES, Atila. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938. p.24.

⁵⁷ LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n. 8 e 9, ago/set.1938.p.27.

No poema “Elogio a uns olhos azuis”, de Ari Martins, também temos a idealização da amada. A figura feminina é vista como uma criação divina, pois somente Deus poderia atribuir-lhe tanta beleza e perfeição. Há a valorização da beleza física que caracteriza o amor carnal. No entanto, para o sujeito poético o amor é como uma maldição ou uma perdição, não há controle sobre seus sentimentos e a racionalidade lhe abandona:

Deus, formosa mulher, tão suma perfeição
em sua obra reuniu, quando um dia te fez,
que eu, confesso, não sei de maior atração
que a tive ao te ver pela primeira vez.

Donde surge, porém, tal encanto? Da tez
que a brancura possui de um luar de verão?
Dos cabelos, quiçá? ou dos seios, talvez?
Porventura das mãos? Das ancas? De onde, então?

Sem saber contestar as graças que possuis
uma a uma percorro, e, assim a admirar-te!
eu estaco ao fulgor dos teus olhos azuis!

Como brilham na luz! Como na luz fascinam!
Sei agora, ó mulher: o teu encanto parte
desses olhos azuis, cruéis, que me assassinam!⁵⁸

No poema “Oferenda”, de Maria do Carmo Tomas, o amor perdido se transforma em poesia; a dor pela perda é sublimada pelo ato da escrita:

A ti que tantas vezes a alegria crente
Do meu olhar, fugindo, em teu olhar sentiste...
Eu ofereço, hoje, religiosamente
O poema doloroso da minha vida triste!⁵⁹

No poema “Das penas de amor”, de Mario Quintana, percebemos que o sofrimento causado por um amor mal - sucedido é opcional, visto que encará-lo como um calvário depende apenas do ponto de vista do ser amado. O eu - lírico, na condição de observador, ironiza seu interlocutor ao afirmar ser puramente por egoísmo que dimensiona seus próprios problemas, além de não admitir o insucesso da relação amorosa:

⁵⁸ MARTINS, Ari. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.2, fev., 1939.p.14.

⁵⁹ TOMAS, Maria Carmo. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.4-5, abril/maio, 1939, p.21.

É por teu egoísmo impenitente
Que o sentimento se transforma em dor:
O que julgas, assim, *penas de amor*
São penas de amor próprio, simplesmente...⁶⁰

No poema “Do amoroso esquecimento”, igualmente de Mario Quintana, temos o amor vivenciado pelo viés da memória. A relação, já finda, ainda habita a lembrança do eu - lírico de forma a perturbá-lo no presente. No entanto, essa tentativa de esquecimento é em vão, haja vista que o sujeito poético ainda nutre algum tipo de sentimento pelo ser amado. É uma espécie de autoengano, pois se trata de um amor que não quer, de fato, ser esquecido:

Eu agora – que desfecho! –
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?⁶¹

No poema “Do casamento”, do mesmo autor, temos um sujeito poético cético em relação ao compromisso matrimonial. Não crê em seu sucesso e o compara a uma praça tomada pela confusão, ou seja, o casamento é tão problemático e impreciso quanto um local imerso no caos. Quem está inserido na situação insiste em deixá-la, já quem está de fora almeja por entrar, certamente desafiado pela aventura e por desconhecer os percalços de uma relação estável:

Uma praça sitiada e o casamento,
Têm ambos esse aspecto singular:
Suspiram por sair os que estão dentro,
Forcejam os de fora por entrar.⁶²

A temática amorosa se imprime em tais textos de forma distinta: há o amor idealizado; o amor carnal e o amor perdido; evidenciado também pela voz feminina. A mulher é vista como “a musa idealizada”, embora profana. No poema de Túlio Chaves esta idealização é desconstruída, entretanto, a figura feminina só deixa de ser perfeita porque é corrompida pela

⁶⁰ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.8 e 9, agost/set, 1939.p.4-6.

⁶¹ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.8 e 9, agost/set, 1939.p.4-6.

⁶² QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.4-5, abril/maio, 1939.p.8-11.

sociedade. Embora o amor seja exaltado na maioria dos poemas, Mario Quintana o descreve com ironia e não o idealiza.

2.1.6 RELIGIÃO

No poema “Fariseus”, de Átila Casses, temos na religião a solução para todo o conflito existencial. Mesmo que existam dificuldades e que as intenções alheias não sejam boas é preciso cultivar as boas ações. Embora existam indivíduos capazes de desvirtuar-nos desse bom caminho, a crença em uma figura divina, neste caso representada por Deus, sempre será o meio de combater qualquer desvio de conduta. É através da religião que o homem encontrará a cura para seus vícios e poderá afastar-se da imoralidade:

Embora, contra ti, uivem as más hienas
da inveja, do rancor e da maledicência,
trilha a senda do Bem, segue as rotas serenas
da Paz e do Perdão, do Amor e da Clemência...

Não possa o mundo vil, que ri de tuas penas,
desviar-te para o mal, turbar tua inocência:
- Sê forte como a Fé, e, marcha entre as geenas,
com Deus no coração e a Calma na consciência...

Como a Virgem d’Orleans, da mais cruel descrença
liberaste meu ser, amparaste-me a crença
e foste nobre e santa e pura como a luz! ...

E, os que zombam na treva, os que lançam o apodo
são as almas de fel, são as almas de lodo,
as mesmas, afinal, que insultaram Jesus!...⁶³

No poema “Do *Homo Sapiens*”, de Mario Quintana, Deus não compreendendo o que se passa no mundo, acaba por inventar o homem para que este lhe explique sua criação. O eu - lírico desconstrói a ideia de que o mundo foi engendrado por um Deus onipotente, não sendo suficiente para oferecer todas as respostas acerca da existência humana:

E eis que ante a infinita Criação,
O próprio Deus parou, desconcertado e mudo!
Num sorriso inventou o *homo sapiens*, então,

⁶³ CASSES, Atila. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.2, fev., 1939.p.14.

Para que Lhe explicasse aquilo tudo...⁶⁴

No poema “Da santidade”, do mesmo autor, temos a visão irônica quanto ao “lugar ao céu” tão almejado pela humanidade, ou seja, não fosse Deus conceder aos homens os bens terrenos em troca de sua bênção e eternidade, ninguém pensaria em habitar o “paraíso”. Portanto, a ideia de céu como salvação e garantia de felicidade é desconstruída: os homens agiriam apenas por interesse e não pela verdadeira fé:

Prometeu o Senhor, em troca aos bens terrenos,
Sua inefável Graça, eternidade me fora.
Fez bem. Senão, até agora
Não contaria o céu um triste santo ao menos...⁶⁵

É possível estabelecer um contraponto entre os poemas inseridos nesta temática: no texto de Átila Casses a religião é compreendida como redenção da alma, enquanto nos poemas de Mario Quintana esta ideia é desconstruída por uma visão irônica acerca da crença religiosa.

2.1.7 IDENTIDADE

No poema “Da comunhão das almas”, de Mario Quintana, se estabelece uma relação de alteridade: é necessária a existência do outro para que o seu semelhante se reconheça enquanto sujeito. O amor, duvidoso tal qual uma miragem, faz com o que o indivíduo apresente o melhor de si para o outro, ainda que necessite deste para completar a imagem que tem de si próprio:

Quando entram as almas em contato
Para o duo do amor, a divina miragem,
Cada um apresenta ao outro o seu retrato
E o outro olha no vidro a própria imagem...⁶⁶

No poema (nome ilegível), também de Mario Quintana, conhecer a si mesmo não configura tarefa fácil, pois não nos conhecemos por inteiro. Há muitas versões de nós mesmos

⁶⁴ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.8 e 9, agost/set, 1939.p.4-6.

⁶⁵ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.3, mar., 1939.p.16-17.

⁶⁶ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.3, mar., 1939.p.16-17.

e descobrir a que mais se legitima seria uma grande descoberta; a possibilidade de melhor nos relacionarmos com o mundo. O eu - lírico ironiza essa autodescoberta e coloca em dúvida a validade dessa experiência, pois nos espantariamos com o nosso verdadeiro eu, caso ele de fato existisse:

Conhecer a si mesmo, finalmente,
Valerá o que custa?
Com isto pelo menos pode a gente
Divertir-se de graça, à própria custa...⁶⁷

No poema “De mim mesmo”, do mesmo autor, podemos inferir que o indivíduo é formado por vários “eus”, isto é, temos uma versão de nós mesmos para cada situação cotidiana. No entanto, esta outra identidade apresentada pelo eu - lírico age como uma espécie de consciência sobre o outro eu, sendo compreendida de forma negativa, como podemos constatar pelos vocábulos “Fantasma” e “Sombra”, ambos escritos com iniciais maiúsculas. Por tratarem-se de nomes próprios podem representar os outros eus da persona poética. A “vidraça” e o “espelho” refletem a verdadeira identidade que, ao se perceber transfigurado nesses espaços, reconhece a existência de outro eu a habitar-lhe:

O Fantasma do espelho! Ó Sombra na vidraça!
Com quem às vezes cruzo um desinquieta olhar!
Serás o estranho EU que a noite e o dia passa,
Suspeitoso e cruel, a me espionar?⁶⁸

No poema “Polichinelo”, de Túlio Chaves, temos um eu – lírico com inúmeras identidades que tomam forma por meio de reminiscências ou por um universo onírico criado pelo mesmo. Esses diversos eus o impelem a vivenciar diferentes experiências de vida, tornando-o um ser múltiplo. No entanto o conflito se instala porque parte dessas identidades sugerem o desgarrar-se da terra e o desbravar novos horizontes, enquanto a outra parte insiste para que o sujeito poético não abandone seu lugar, reforçando a ideia de pertencimento. Diante de tal impasse, prefere resignar-se a solucionar o problema, ficando à mercê das circunstâncias:

Reminiscência de outros avatares,

⁶⁷ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.8 e 9, agost/set, 1939.p.4-6.

⁶⁸ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.6, jun, 1939, p.16.

Carrego em mim estranhos personagens
Que me impulsionam para longas viagens...
Por longes terras e longíquos mares...

E outros seres de múltiplas visagens
Prendem-me ao solo de defuntos lares,
Onde vivem meus anjos tutelares,
Que só me mostram sonhos e miragens.

Entre essas forças vivo sem querer,
Numa perpétua e interminável lida,
Sem descanso sequer o meu ser.

E arrastado por forças desiguais,
Polichinelo toda a minha vida,
Vou para o lado que me puxa mais.⁶⁹

Como podemos perceber pela leitura dos poemas, a questão da identidade é compreendida de forma semelhante: sempre há relação de alteridade e um “outro” a habitar-nos, gerando o conflito íntimo no eu- lírico.

⁶⁹ CHAVES, Túlio. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.12, dez, 1938.p.19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se redimensionada à luz da história da literatura a poesia veiculada por *Ibirapuitã* em sua fase inicial (1938-1939) mostra-se sob o influxo das temáticas românticas, mesmo que esse movimento, no Brasil, tivesse acabado há pelo menos 60 anos. Da mesma forma que o Romantismo, os poemas do periódico alegretense apresentam como principais temas o ufanismo e exaltação da natureza; a infância perdida; a efemeridade do tempo; o amor idealizado; a idealização da figura feminina; a religiosidade e a preocupação social. Portanto, se pensarmos que a poesia do Rio Grande do Sul, nos anos 1930, é bastante influenciada pelas estéticas simbolista e modernista, pode-se afirmar que a produção poética de *Ibirapuitã* está à margem do que se produzia na época.

Ao pensarmos nas principais revistas de caráter cultural e literário que circularam entre a década de trinta e quarenta no Rio Grande do Sul, percebemos que a maioria destes impressos é resultado de uma produção coletiva e, principalmente, calcada em agremiações ou grupos de intelectuais, escritores ou figuras fortemente vinculadas a atividades de imprensa. Mais do que isso, são produções que nasceram em meio a empreendimentos comerciais voltados à cultura e à literatura, e que contaram com um poder publicitário e financeiro significativos, desenvolvendo-se sob os holofotes da capital gaúcha.

Entretanto há necessidade de nos voltarmos para as beiradas do cenário porto-alegrense a fim de desmitificarmos a ideia de que apenas o centro produz cultura de qualidade e de que a falta de apuro estético é reflexo das zonas periféricas, das margens ou da produção interiorana. Percebe-se que *Ibirapuitã*, apesar de ter contribuído para o fomento da produção literária gaúcha e congregado intelectuais da região que movimentaram o cenário cultural, não está inserida no colóquio crítico. Por vezes mencionada apenas na bibliografia de algum autor, como Mario Quintana, a existência desse periódico é visivelmente silenciada pelas histórias da literatura do Rio Grande do Sul, não sendo problematizada como veículo responsável pela divulgação de autores locais, diga-se de passagem, não somente escritores alegretenses, como os que produziam e publicavam na capital gaúcha pelas páginas da *Revista do Globo* e também colaboravam com o periódico citadino.

Ibirapuitã, em sua primeira fase (1938-1939) circula simultaneamente à *Revista do Globo*, muitas vezes, estampando anúncios publicitários com a divulgação de tal revista e informando os últimos lançamentos da Editora Globo, que teve seu apogeu nesta mesma

década. À época da interrupção na circulação do mensário alegretense, por mais de trinta anos, a *Revista do Globo* ainda perdura e surgem nos anos seguintes as revistas *Província de São Pedro* (1945 – 1954) e *Quixote* (1947 – 1952).

Ao ser reeditada sob a chancela de outro periódico cultural alegretense, *Cadernos do Extremo Sul* (1953), em 1967, voltando a circular neste período, *Ibirapuitã* ainda tem por companhia a publicação porto - alegrense *Revista do Globo*, que se extinguirá em 1967.

O alcance editorial do mensário fora do estado e até mesmo do país se deu possivelmente pelas mãos dos próprios colaboradores e por um grupo de leitores bastante heterogêneo, como podemos constatar pela leitura de algumas missivas publicadas na seção *Correio Amigo*. O simples envio de exemplares a amigos e leitores contribuiu de forma significativa para sua projeção.

Se tentarmos conjecturar acerca da extinção de *Ibirapuitã* devemos considerar que o mensário circula em dois períodos extremamente conturbados: em sua primeira fase (1938 – 1939), está às vésperas da Segunda Guerra Mundial e sob o domínio do Estado Novo. As atividades ligadas à comunicação e as manifestações culturais contrárias ao governo sofrem grande repressão e censura quando submetidas ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado por Getúlio Vargas para difundir informações oficiais. Já na segunda fase do periódico (1967– 1972), o país encontra-se mergulhado em plena ditadura militar, haja vista o envolvimento ideológico de alguns colaboradores do mensário.

Inúmeros foram os autores posteriormente inseridos no sistema literário sul - rio – grandense que contribuíram com o mensário alegretense, tais como Alceu Wamosy, Pedro Wayne, Telmo Vergara, Aureliano Figueiredo Pinto, Mario Quintana e Tyrteu Rocha Viana. No entanto há tantos outros que ocuparam as páginas de *Ibirapuitã* e foram relegados ao esquecimento. Por isso este trabalho aponta para a necessidade de se conduzir novos estudos acerca de *Ibirapuitã* que contemplem a totalidade de sua produção literária, contribuindo para a preservação da memória cultural e literária alegretense.

Ibirapuitã é o rio que banha o município de Alegrete. Penso que a escolha do nome da revista com base em um elemento local, aponta para uma tentativa de construção e afirmação de uma identidade, valorizando o que se produzia na aldeia.

Alegrete, que à época da revista *Ibirapuitã*, era culturalmente mais desenvolvida, com livrarias, cinemas, teatros e cafés; atualmente se encontra estagnada. Devido à sua parca consciência cultural, o município ainda não despertou para o que tem à sua frente: uma gama

de autores que precisam (e merecem) de reconhecimento, não somente pela crítica, mas principalmente por seus conterrâneos.

Posteriormente, alguns poetas de *Ibirapuitã* foram convertidos em nomes de rua: a rua Fidêncio Caigoaté, em homenagem ao diretor do mensário, hoje figura como mais uma daquelas placas empoeiradas pela história. Seus moradores, certamente, desconhecem a importância de Felisberto para o cenário cultural alegretense.

“Tudo passou nessa ponte” nos dizem os versos de Laci Osório, ao fazerem referência à ponte sobre o Ibirapuitã. Mal soube o poeta que a memória literária, por lá, também passou, embora solapada pelas turvas águas de seu rio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: história e produção poética*. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994.

BITTENCOURT, Gilda N. da Silva. Espelho mágico: gênese do verso curto e do humor em Mario Quintana. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, v.39, p.47-64, 2006.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, v. 2,4, p. 27-36, abril, 1984.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CASTRO, Néa. Mario Quintana. *Coleção Esses Gaúchos*. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1985. p.61 – 63.

COELHO, Felisberto Soares (Dir). *Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*, Alegrete, ano 1, 8 v. 1938.

COELHO, Felisberto Soares (Dir). *Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*, Alegrete, ano 2, 7 v. 1939.

DE ASSIS BRASIL, Luiz Antonio et al (org.). *Pequeno Dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Novo Século, 1999.

FARACO, Sérgio et al. *Quem é quem nas letras rio – grandenses*. Dicionário de autores contemporâneos. Porto Alegre: SMEC, 1982.

_____. *O pão e a esfinge*. Quintana e Eu. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FILHO, Luiz Araújo. *O Município de Alegrete*. Alegrete: Editora Nosso Guia, 2007. Reedição. p. 199 – 203.

FISCHER, Luis Augusto. A Era Érico e Depois. In: (dir.) GERTZ, René Ermani, *República: Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. Passo Fundo: Editora Méritos, 2007.

_____. *Literatura Gaúcha. História, Formação e Atualidade*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2001.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS: IEL, 1978.

MITIDIÉRI, André Luis. Nas margens de Ibirapuitã, Mario Quintana em rastros literários e fontes primárias. In: PÓVOAS, Mauro Nicola (Org.), *Literatura, história e fontes primárias*. Curitiba: CRV, 2013. p.53-74.

_____. Os quartetos (quase) inéditos de Quintana. In: MITIDIÉRI, André Luis (Org.), *O Quintana que (quase) ninguém viu*. Frederico Westphalen: URI, 2012. p.55- 76.

MOREIRA, Alice Therezinha Campos. A Livraria do Globo e sua revista. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, v.11, p.7-16, 2005.

MOREIRA, Alice Therezinha Campos. Meio século sem a Revista Província de São Pedro. *Anais do VII Seminário Internacional de História da Literatura*– Faculdade de Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. CD-ROM.

SANTOS, Danilo Assumpção. *Alegrete em Fatos*. Alegrete: Editora Nosso Guia, 2006. p.64; 100- 101.

SANTOS, Danilo Assumpção. *Alegrete e os fatos. Um panorama da História de Alegrete*. Uruguaiana: Gráfica Universitária, 2009. p.81.

SCHÜLER, Donald. *Poesia Modernista no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1982.

SOARES, Terezinha Pezzini. *Ibirapuitan e Província de São Pedro: uma história de recepção a Mario Quintana*. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). URI, Frederico Westphalen.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *Mário Quintana*. São Paulo: Abril Educação, 1982. (Literatura Comentada)

_____. Minha teoria das edições humanas. Memórias Póstumas de Brás de Cubas e a poética de Machado de Assis. In: ZILBERMAN, Regina (Org.), *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 17- 118.

ANEXOS

a) Antologia⁷⁰

Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.1, jan. 1938.

Ou a cidade ou o rio⁷¹

Rio, cor de prata, que a cidade margeia
e célere corre e serpenteia,
gaiato, brincando pelas pedras nuas...

Como são livres as tuas águas!
livres e espontâneas como as mágoas
que os cancioneiros gemem pelas ruas...

Há grande diferença entre a cidade e o rio!
A cidade assiste, em doido desvario,
embuçada em pesados novelos

de sombra, na rua nevoenta,
um desfile patético e sonolento
adormece em sobressaltados pesadelos...

E eis que raia a mais bela madrugada do mundo!
e indiferente arrebatada do fundo
do rio... um pedaço de céu que era seu sonho;

a estrela milagrosa dos párias do destino
se estampa nas águas: o sol e os raios peregrinos
levam mais vida a vida... uma alegria ao tristonho

Belo e magnífico o festim do triste
pela primeira alegria, e que sorrindo assiste
a mesma festa pela natureza...

Pelas margens do rio mora a alegria
nem pode mesmo haver melancolia
onde há força e rigor, vida e beleza,

e continuam a correr as águas cantadeiras
e atrapalham o ramerrão das lavadeiras;
lavam roupas... sujam vidas, lavam roupas...sujam vidas;

e a cidade? e o coração da cidade
ávido de amor e cheio de maldade
e de impossíveis tramas por demais urdidadas?

⁷¹ MILANO, Antonio Brasil. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.1, jan. 1938. p.4.

é o mesmo rio que a cidade margeia
e célere corre e serpenteia
sempre puro, sonhando sempre um pedaço de ceu

que rolando as águas no harmonioso canto,
lava o mais doloroso desencanto
do coração da cidade que a alegria esqueceu.

Soneto VII⁷²

Recordo ainda ... e nada mais me importa
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam sempre de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta.

Mas veio um vento de desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino, acreditai,
Que envelheceu, um dia, de repente...⁷³

Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938.

Povo da Lata⁷⁴

Zona pobre da cidade:
latidos... fio de fumo a se esvaír...
Bodegas, celeuma, alacridade,
tudo vai ao som de toques confundir...

Histórica risada o ar invade
e em meus ouvidos fica a retinir
o eco que me traz uma saudade,
e leva uma tristeza ao se extinguir!...

A esmo saio, então, por vielas tortas;
passo a passo ando as ruas mortas...
Já um guaipeca me sai acuando...

A loura tarde vai-se imergindo
e já de volta, lento, venho vindo

⁷² QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.1, jan. 1938. p.5.*

⁷³ Do livro, a aparecer: "A RUA DOS CATAVENTOS". (Nota do original).

⁷⁴ NEVES, Gerson. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p.3.*

E a batucada, longe, está vibrando!

Luz Interior ⁷⁵

Um músico, um pintor e um poeta - éramos três!
OLEGÁRIO MARIANO.

Éramos três amigas... éramos três crianças,
com a alma a reflorir em doces ilusões
e ternas esperanças
entrando pela vida!

Uma delas disse assim, um dia:
“Eu vivo da alegria...
Quero me divertir para viver,
para poder ser feliz...
Amo o prazer!”

A outra assim falou:
“Quero sentir bem dentro de minh’alma,
do amor a chama louca e crepitante...
Quero abrasar-me toda num instante...
Amar ardentemente...
Amar com volúpia”...

Eu disse simplesmente:
“Amo a poesia!”

Encontramo-nos depois,
(a vida já ia em meio)
com o farnel das ilusões já quase findo...
Contemplei-as sorrindo...

Disse a primeira:
“Busquei na orgia a minha felicidade,
mas ela foi passageira...
e cansei de gozar
Trago a alma ferida,
passo a chorar a vida...”

A segunda contou:
“A mentira no amor é uma realidade...
Abrasou-me a sua chama...
E agora...
só me restam as cinzas
espalhadas na estrada
da minha vida em fora...”

A compaixão pôs uma lágrima triste
dentro do meu olhar...

⁷⁵ TOMAS, Maria do Carmo. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p.4.

O Prazer e o Amor morreram para elas...
Os meus Versos existem...
Ainda amo a Poesia...
que não me abandonou
desde que a quis
Contemplando-as, então, eu pensei alto:
“De nós as três... eu sou a mais feliz!”⁷⁶

Cantiga para a minha esperança⁷⁷

Foi num sonho de criança
que venho minha esperança
num barquinho de papel.

Foi ninada com carinho
nunca saiu do barquinho
que trouxe Papai Noel.

Meu barquinho não descansa,
meu barquinho sempre avança
qual um soberbo batel.

Ele é o barco de um menino
o mundo é tão pequenino
e todo feito de ouropel.

Era uma vez... um barquinho
que voltou no seu caminho
e bem depressa singrou...

Me deixou em outra idade,
foi buscar felicidade
e até hoje não voltou...

Caminho das Missões⁷⁸

Paisagem de além- Ibicuí

Lusco- fusco. Hora mansa.
Silêncio de Campo- Santo.
Se escuta o nítido canto
dum bem- te- vi solitário,
floreando o Hino do Pago.

Sombras mortas nas lagoas,

⁷⁶ Nota do original : Sem afeições, a vida seria árida e difícil; são elas que preenchem e iluminam, mas são ao mesmo tempo a fonte certa de onde nos provêm mil desgostos e amarguras. *M.*

⁷⁷ MILANO, Antonio Brasil. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p.8.

⁷⁸ RUIVO. Juca. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p.12.

Nenhum contorno se esgarça
na planura ensimesmada.
Somente um voo de garça,
rumbeia lá pelos longes,
para a mancha clara da estrada
no Caminho das Missões
Desponta entre a polvadeira,
tembléque, a velha carreta;
chiando um gemer de eixos;
carpindo a eterna canseira
de largar as cargas
nos portais das vendas,
das estradas largas;

de sacar peludos nas querências quietas,
nos rincões dispersos.
Pobre e torturada como alguns poetas,
na angustiosa lida,
de deixar os versos
nos portais da vida.

E a velha carcaça teatina,
rinchando as massas vai cumprindo a sina,
rumo das Missões.

Arrinconado na sanga,
agora o velho paisano
solta boi no pouso certo.

Não há rumor pelo plano,
nem o soluço do vento
acorda a alma das coisas,
nesta hora de nós mesmos...

Presumo que só desperto
Se encontra meu pensamento.

Mas o teo-teo corneteiro
Se alvorotou na restinga,
Rompendo no seu teo... teo...

E o fogão do carreteiro
na escuridão que se expande,
parece uma estrela grande
entreverada com as outras
que fogueiam no céu.

Canção das Horas Mortas⁷⁹

⁷⁹ SCHMITT, Hernani de Carvalho. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p. 14.

Na tristeza augural da tarde que agoniza
Como uma emocional rosa de outono,
Vejo as folhas que caem
Uma por uma,
Num lírico abandono
Da árvore primeira que se faquiriza.

“As árvores são emoções da Natureza”
E cada folha que cai
É um grito de beleza
No silêncio augural da tarde que agoniza,
É um farrapo de vida que se esvai...

Quando uma folha cai e amarelece e morre
Ao leu do vento que a agita
Na umidade do pomar,
Eu vejo nessa folha uma Saudade.
E que não há de?
Se é um pedacinho da infinita
Alma da Terra
Que vem brilhando,
Refletir o Sol e refletir o Luar.

Folha morta! Farrapo de ilusão!
Esquecimento!
Dança, folha morta, ao léu do vento,
No seio maternal da terra fria.

Crepúsculo outonal. Tristezas suaves
No pomar, onde as árvores tristonhas
Tem gestos graves,
Gestos dolorosos,
Vendo cair suas lágrimas de folhas,
Reina um esplendor de funerais suntuosos.

Da Ilha do Paiva⁸⁰

Já tive aspirações, cheios de sonhos,
Já queimei minhas asas contra a luz,
E nos meus ideais, sempre risonhos
Diversas ambições vinham a flux.

E hoje, encerrado em cárceres tristonhos,
Resignado, carrego a minha cruz,
Sem mais aspirações e sem mais sonhos
Do que a liberdade, a grande luz.

As ambições são sempre limitadas
Ao tamanho do ambiente em que se as tem.

⁸⁰ CHAVES, Túlio. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938. p. 14.

Só ambiciono aqui pequenos nada:

Ar bem puro, ao ar livre respirado,
Uma nesga de sol (que grande bem!)
E a liberdade imensa que hei sonhando.

Canção do meio do mundo⁸¹

A ciranda rodava
No meio do mundo
No meio do mundo
A ciranda rodava

E quando a ciranda
Parava um segundo,
Um grilo cantava
Sozinho no mundo

Dali a três quadras
O mundo acabava,
Dali a três quadras
Num valo profundo

Bem junto com a rua
O mundo acabava
Rodava a ciranda
No meio do mundo

E Nosso Senhor
Era ali que morava,
Por trás das estrelas,
Cuidando o seu mundo

E quando a ciranda
Por fim terminara
E o silêncio, em tudo,
Era mais profundo,

Nosso Senhor
Esperava...esperava...
Cofiando suas barbas
De Pedro Segundo.

Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.3, mar. 1938

Loira Boneca⁸²

Semblante que seduz; sorrisos que me matam

⁸¹ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.2, fev. 1938* . p. 27.

⁸² MARTINS, Ari. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.3, mar. 1938* .p. 9.

lindos, lúbricos, lésbios lábios de rubi
dois olhos muitos azuis, arrebatam
os cabelos de Circe em grande garavim;

mãos macias, mãos mimosas de marfim,
mãos de má que um rancor de rebelde retratam
os seios sensuais, soberbos, de cetim,
dos quais desejo, dano e dengue se desatam.

E aí formada fica fútil figurinha,
saltitante, sutil, satânica e sapeca,
que eu sonhei ser um dia unicamente minha,

Sem lembrar, se quer, que é pura pretensão
o pensar-se possuir o amor de uma boneca,
se as bonecas que não tem - coitadas!-coração...

O miserável⁸³

...e caminhava, caminhava lento,
vergado ao peso da desgraça ingente;
tudo fitava e murmurava ao vento:
- eu tenho fome! tenho febre ardente!

A dor, a angústia que o fazia atento,
Que o punha alerta, como que demente,
Se lhe estampava no rosto
Sedento andava à toa, interrogava gente...

Ei-la! É a miséria em sua plenitude
Inferno vivo, a provação mais rude,
Para que na vida transitar possamos!

Não sei!... há gente neste mundo afora
Que nessa cloaca mergulhada implora
E implora sempre o que desperdiçamos!

Dom Pablo⁸⁴

Dom Pablo anda sempre fechado em si mesmo.

O ar em que se fecha Dom Pablo
tem um que de mistério profundo...
É que anda Dom Pablo que nem arcas de enterro.

Sei de umas à sombra velha
de figueiras milenares, enterradas.
Contam que são arcas de ouro
de nem sei que tempo...

⁸³ NEVES, Gerson. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.3, mar. 1938. p. 14.

⁸⁴ LEIRIA, Nogueira J.O. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.3, mar. 1938 .p. 20.

E as figueiras, e a terra a que se agarram,
o tronco e as raízes dizem
pelos golpes que tem sofrido,
da anciã humana que lhe ronda os dias.

Sombrio como o ar dessas figueiras
é o soturno Dom Pablo.
Parecem rugas de árvores
os vincos que ele tem à face ...

É que tem tesouros humanos
de mágoa, de amor, ou remorsos talvez
enterrados em si.

Dom Pablo compõe parreiros.
Mas, sempre que os leva a jardeio,
Dom Pablo os sofrera no arranco,
e fica parado... Parado.
Parece ter medo que o levem de si...

Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.4 e 5, abril/maio.1938

Soneto VI⁸⁵

Avozinha Garoa vai cantando
Suas lindas histórias, à lareira.
“Era uma vez... Um dia... Eis senão quando...”
Até parece que a cidade inteira

Sob a garoa adormeceu sonhando...
Nisto, um rumor de rodas em carreira
Clarins ao longe... (E o rei que anda buscando
O pezinho da Gata Borracheira!)

Cerro os olhos; a tarde cai, macia
Aberto em meio, o livro ainda não lido
Inutilmente sobre os joelhos pousa

E a chuva uma outra história principia,
Para embalar meu coração dorido
Que está pensando, sempre, em outra cousa...

Homem Mau⁸⁶

Encanto da família, ela vivia
Alegre, sem poder nem um sarau.
Elegante e feliz... Até que um dia
Entrou-lhe pela casa um homem mau.

⁸⁵ QUINTANA, Mário. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.4 e 5, abril/maio.1938. p. 4.*

⁸⁶ CHAVES, Tulio. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.4 e 5, abril/maio.1938. p. 5.*

E levou-a ao alcance para a orgia.
Tinha tanto dinheiro o homem mau!
E na escada da vida (oh vilania!)
Atingiu até o último degrau.

Corrompida, alcoolista e sem moral,
Foi desempenhando, num rolar insano,
Até parar no leito do hospital.

E revoltado quem ficar não há de?
o homem que lhe causou tamanho dano
faz parte da primeira sociedade.

Batuque⁸⁷

Sinhô branco nojento, esquisito e rabuja,
Não gostava de baile
Sinhô branco ciumento,
Afinal já dormia...
Sinhá Palmiría virou-lhe os sapatos,
(para não acordar enquanto ela estava ausente)
E saiu pé por pé
até a porta que espiava o terreiro...
A Moçada brincava lá fora:

- Mamãe que dê o pandeiro...?
- Rato roeu!
- Valha-me Nossa Senhora que o pandeiro não era meu!
E o coro mais forte repetia:
- Pandeiro, Sinhá! Pandeiro, Sinhá!

Sinhá correu doida pro acampamento,
às esconsas de sinhô branco,
E entrou no meio da roda,
Dançando... dançando... dançando loucamente,
com o frenesi satânico da raça

Lá de cima, as estrelas atônitas,
Fitavam o terreiro...
A noite escancarava a boca larga de africana,
Rindo...rindo... pro batuque!

Mas em meio do zabumbar dos
Bombos barulhentos
A imagem de sinhô branco fez tremer a sinhá...
E deitou a correr para a casa,
Esgueirando-se sutil qual felino ...

⁸⁷ NAGIB, Lady. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.4 e 5, abril/maio.1938. p. 25.

Ao ranger os gonzos, enferrujados, da porta,
Sinhô branco, espantado abriu os olhos duvidosos
Mas sinhá dignamente interveio:
Levantei para cobrir as crianças...
O silêncio reinou
Só de longe em longe, vinha um som
Longínquo e abafado:
- Pandeiro, Sinhá! Pandeiro, Sinhá!

Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938.

Lembranças que eu mando⁸⁸

Para IBIRAPUITÃ

Depois do aguaceiro que lavou os galhos,
Veio um sol leve, de ouro fino,
Dar uma suave demão à paisagem...

A paisagem clara, da tarde calma de agosto,
Que me deleitava o melancólico olhar...

Abri a janela e respirei a flux...
Deixando-me banhar o rosto dessa luz
Dourada que vinha lá do céu...
Abri os meus pulmões ao ar que penetrava,
Trazendo-me todos os aromas de um tempo só,
E deleitei-me na minha solidão!
Era porque pensava em ti...
E comparando
O parêntese luminoso que abres na minha vida,
Tive um sorriso triste e resignado!
E dentre as minhas lágrimas acenei com um gesto,
Para o sol da tarde clara e a brisa mansa
E falei às pombas brancas que falavam alto:
- Saudades a Ele, que mandei!...⁸⁹

O teu poema⁹⁰

Maria de Lourdes,
tens um nome cantante e sonoro,
que digo e repito, baixinho, sem nunca cansar!...

Maria de Lourdes,
tens um corpo de moça e menina,
que penso e espero que ainda seja meu!...

⁸⁸ NAGIBE, Lady. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938.p.5.*

⁸⁹ Pelotas. (Nota no original).

⁹⁰ CARRAZZONI, Adão. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938. p.7.*

Maria de Lourdes,
perdoa as loucuras do poeta que te ama,
que repete o teu nome e te quer possuir...
- Ele - coitado
é um boêmio tristonho que sonha acordado !...

Apego Nativo⁹¹

Eu tenho visto o mundo,
e na cidade os meus anos moços
tiveram sensações profundas...
- Fidalgas intuições
que o luxo e a cultura
propiciavam-me a glória dos sentidos
de maneira admirável e harmoniosa!

À graça amorosa das mulheres
e a fineza dos homens cerebrais
eu tinha pronta e atilada,
para os sentir e admirar,
a minha rudeza de bárbaro
provindo do quieto rincão adusto...

Advinhava, inquietamente
nas noites boêmias
mas inda sestrosas de virtudes,
o tormentoso abismo escancarado
onde a garra macia e intátil do vício
asfixiava as gargantas sequiosas.
Pungiam-me, flagelaram-me os corpos que somente vibram
as multiformes sensações
engendradas por demônios sutis e amargurados...

Todas as requintadas expressões da vida,
desde os olhares das mulheres ao gesto dos homens,
plasmavam-me a alma da cidade
numa fisionomia volúvel e insidiosa.

E senti que algo renascia da minha vida,
qualquer coisa como um crispamento profundo,
como um anseio de me prender à terra
que eu perderia se não fora
o sentido ancestral do meu apego a ela...

Feliz este apego que proclamo!
Quero e exalto o recuo de quem vem
tangido pelo próprio coração
que aos apelos nativos se refunde! ...

⁹¹ LEIRIA, J.O. Nogueira. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938.p.19.

Seus olhos⁹²

Foi, algures...
no Cântico dos Cânticos ou no régio
que minha alma- esta minha alma emotiva
de boêmio e sentimental, -
viu cair, sobre si, o doce sortilégio
de uns olhos assim!

Bem podes
fantasiar a mágoa viva
que, - por meu castigo e por meu mal, -
pesa sobre mim!

Olhos de Sonhos e Mistérios
Olhos Matinais Crepusculares
Olhos de Sombra e Luz... Olhos Sidéreos,
feitos de Riso e Sol, de Trevas e Pesares!

Olhos de Penumbra
Olhos de Saudade
Olhar que encanta... Olhar que...
Olhos - Cristãos de Irmã de Caridade!

Olhos de Mistério...De Tristeza...
Olhos ... de Santa Tereza
De Jesus!

Olhos de Luar... de Mar sem Onda...
Olhos, - pagãos e magos, - da Gioconda
plenos de Luz!

Não! não foi nos textos velhos...
Não foi na Lenda nem nos Evangelhos
que eu vi, algures, esses Olhos Seus,
cambiantes e lindos como os Ceus! ...

Seu Olhar que ninguém jamais define,
vi-O, - cheio de amor e de meiguice,-
foi num verso soberbo de Racine...

São os Olhos-Ideiais de Berenice...⁹³

Final⁹⁴

Tudo findo entre nós...
E do meu lindo sonho só me resta

⁹² CASSES, Atila. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938. p.24.

⁹³ Das Runas sem metro - S. Burja, 937 (Nota no original).

⁹⁴ TOMAS, Maria do Carmo. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938. p.28

o perfume doloroso da saudade...
Como uma flor já murcha, desfolhada...
rolando, desprezada,
ao fim desta festa
do grande amor da minha mocidade!

Fragmento⁹⁵

Vi o teu vulto desenhar-se na espiral cinzenta
Do dia agonizante...
Vi!...
Depois, com o cair da noite,
A minha alma encheu-se de pensamentos melancólicos...
E cerrei o álbum
Das recordações queridas,
Com o fecho prateado
Das minhas lágrimas!...

Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n. 8 e 9, ago/set.1938.p.17.

A balada da saudade⁹⁶

Agra saudade...
lilás sacrário,
que guarda a hóstia de meu afeto...
É dolorosa, como um Calvário,
como um remorso, vive o secreto!...

Na bruma roxa
que te circunda,
vive a tristeza feral dos círios...
Tens cor funérea de angústia funda,
a cor violácea de meus martírios!...

Em teu perfume
sutil e forte,
vagam ressaibos de mil torturas...
E teu aroma, filtro de morte,
feito de prantos e de amarguras!...

Saudade triste!
Por que recobres
com tons dolentes minhas lembranças?!
Quando tu chegas, minha alma em dobres

⁹⁵ NAGIBE, Lady. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.6 e 7, jun/jul.1938. p.30.*

⁹⁶ CASSES, Âtila. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n. 8 e 9, ago/set.1938.p.17.*

chora o cadáver das esperanças!...

Saudade amarga!
Com os teus cardos,
por que me enches de cicatrizes?!...
Por que me torturas sob os teus dardos,
o mais tristonho dos infelizes?!...

Agra saudade...
lilás sacrário
de um sonho morto sob tua palma...
És dolorosa com um Calvário,
amarga e triste como a minha alma!...

Dos poemas íntimos⁹⁷

Querida, a tarde canta pela voz de todos os silêncios...
A tarde é um nimbo caricioso sobre nós.

Tenho a impressão de que os sonhos mais furtivos são palpáveis,
porque os sinto nas tuas mãos,
nas tuas mãos que são mais leves
do que os sonhos mais furtivos...

Ó claridade das tuas mãos, Querida,
mais leves do que as asas pelo ar...
Como esvoaçam inquietas por meus olhos,
como pousam de leve no meu ombro
as tuas mãos...
Sinto-me bem e quero-me perfeito
Pelo milagre das tuas mãos.

Acredita nas tuas mãos, Querida...
Vê como elas chamam os pássaros
sem que tu o queiras,
porque elas são apelos instintivos
aos pássaros, à luz,
e a tudo quanto é leve como o sonho
que, em vez dos pássaros, vem pousar nas tuas mãos...

A tua vida fugiu toda de teu corpo para as mãos...
Só as tuas mãos vibram pelo ar, Querida,
sob o nimbo da tarde silenciosa...

Todos os silêncios espreitam o milagre das tuas mãos...
Acredita nas tuas mãos, Querida,
Faze-me bom, faze-me justo,
Faze-me piedoso para com a vida,
para com a vida que é um milagre das tuas mãos,
só das tuas mãos, Querida...

⁹⁷ LEIRIA, João Otávio Nogueira. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n. 8 e 9, ago./set.1938.p.27.

Ibirapuitã. Alegrete, ano 1, n.12, dez, 1938.

Árvores de Natal ⁹⁸

Papai Noel, um dia de Natal,
veio à terra,
e pôs dentro de cada vida
uma árvore colorida!

E na sala atapetada,
enfeitado de luzes
pendendo de brinquedos
rodeado de petizes
o pinheiro da floresta
é a árvore de natal
das crianças felizes!

E...é a mais bonita de todas as árvores da festa!

Dentro do coração,
da mocidade que passa
aos pares, de mãos dadas,
sem medo, sem temor...
o Natal é uma Árvore
toda feita de flores...
É a Árvore do Amor!

E... é a mais florida das árvores da Vida!

No ranchinho de palha,
onde não há beleza...
entre a fome e a miséria...
aonde falta o pão
o natal pôs uma árvore
sem enfeites e luzes...
A Árvore da Pobreza

E...é a mais feia as árvores, então...

Na penumbra da floresta,
os pinheiros que ficaram,
na manhã colorida...
tem toda a alma em festa,
e dançam um bailado
na árvore da Vida!

E... é a mais feliz de todas as árvores, que armaram...

⁹⁸ TOMAS, Maria do Carmo. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.12, dez, 1938.p.10-11.

No seio da velhice,
entre os cabelos brancos
a neve se desfaz...
E Noel, no grande dia
pôs uma árvore imensa
- que é a Árvore da Paz...

E... era a mais serena das árvores, que havia...

E os que como eu...
olham dentro da vida
com um deserto na alma
e que vivem sem fé...
sem crença, na incerteza...
Oh! – destino fatal! –
a árvore da festa...
acena num Adeus!
É a Árvore da Tristeza!
A Árvore da Saudade!

E...ela é um esqueleto de Felicidade!
É um esqueleto de Árvore de Natal!⁹⁹

Polichinelo¹⁰⁰

Reminiscência de outros avatares,
Carrego em mim estranhos personagens
Que me impulsionam para longas viagens...
Por longes terras e longíquos mares...

E outros seres de múltiplas visagens
Prendem-me ao solo de defuntos lares,
Onde vivem meus anjos tutelares,
Que só me mostram sonhos e miragens.

Entre essas forças vivo sem querer,
Numa perpétua e interminável lida,
Sem descanso sequer o meu ser.

E arrastado por forças desiguais,
Polichinelo toda a minha vida,
Vou para o lado que me puxa mais.¹⁰¹

Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.2, fev., 1939.

Fariseus¹⁰²

⁹⁹ Natal de 39 (Nota na edição original).

¹⁰⁰ CHAVES, Tulio. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 1, n.12, dez, 1938.p.19.

¹⁰¹ Setembro de 1938.

¹⁰² CASSES, Atila. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.2, fev., 1939.p.14.

Embora, contra ti, uivem as más hienas
da inveja, do rancor e da maledicência,
trilha a senda do Bem, segue as rotas serenas
da Paz e do Perdão, do Amor e da Clemência...

Não possa o mundo vil, que ri de tuas penas,
desviar-te para o mal, turbar tua inocência:
- Sê forte como a Fé, e, marcha entre as geenas,
com Deus no coração e a Calma na consciência...

Como a Virgem d'Orleans, da mais cruel descrença
liberaste meu ser, amparaste-me a crença
e foste nobre e santa e pura como a luz! ...

E, os que zombam na treva, os que lançam o apodo
são as almas de fel, são as almas de lodo,
as mesmas, afinal, que insultaram Jesus!...

Quando a minha saudade chegar¹⁰³

Quando a minha saudade chegar
Com seu manto tecido
Com mil e umas histórias,
Hei de surpreendê-la e perguntar
Pelos navios perdidos
Carregados de glórias

Eu sei... minha saudade há de pensar,
Que o alongado espanto,
Suspense na abstração do meu olhar,
E pelas mil e uma histórias do seu manto,
Mas, no mundo dos seres e das coisas, há tantos
Recônditos segredos para desvendar...

Quando a minha saudade chegar
Eu lhe direi talvez,
Com disfarçado carinho:
Volta, Saudade, pelo teu caminho,
E deixa-me sonhar mais uma vez...

Elogio a uns olhos azuis¹⁰⁴

Deus, formosa mulher, tão suma perfeição
em sua obra reuniu, quando um dia te fez,
que eu, confesso, não sei de maior atração
que a tive ao te ver pela primeira vez.

Donde surge, porém, tal encanto? Da tez
que a brancura possui de um luar de verão?

¹⁰³ MILANO, Antonio Brasil. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.2, fev., 1939.p.28.

¹⁰⁴ MARTINS, Ari. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.2, fev., 1939.p.14.

Dos cabelos, quiçá? ou dos seios, talvez?
Porventura das mãos? Das ancas? De onde, então?

Sem saber contestar as graças que possuis
uma a uma percorro, e, assim a admirar-te!
eu estaco ao fulgor dos teus olhos azuis!

Como brilham na luz! Como na luz fascinam!
Sei agora, ó mulher: o teu encanto parte
desses olhos azuis, cruéis, que me assassinam!

Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.3, mar., 1939.

Na tua velhice¹⁰⁵

Quando for tudo junto a ti ruínas
de um sonho morto que não mais ilude;
quando tuas mãos, hoje líriais e finas,
se enregelarem na decrepitude;

quando o vento soprar, álgido e rude,
da velhice, em rajadas assassinas,
quando olhares a tua juventude
de Pierrôs, Arlequins e Colombinas:

lembrarás certamente, eu o adivinho,
os que andaram contigo no caminho,
que o passado de risos adornou...

E talvez que te surja, então, querida,
a saudade de alguém que toda a vida,
loucamente na vida te adorou...

De Rebus Pluribus¹⁰⁶

Da santidade

Prometeu o Senhor, em troca aos bens terrenos,
Sua inefável Graça, eternidade me fora.

Fez bem. Senão, até agora
Não contaria o ceu um triste santo ao menos...

Da comunhão das almas

Quando entram as almas em contato

¹⁰⁵ MARTINS, Ari. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.3, mar., 1939.p.10.*

¹⁰⁶ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.3, mar., 1939.p.16-17.*

Para o duo do amor, a divina miragem,
Cada um apresenta ao outro o seu retrato
E o outro olha no vidro a própria imagem...

Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.4-5, abril/maio, 1939.

De Rebus Pluribus¹⁰⁷

Do Casamento

Uma praça sitiada e o casamento,
Têm ambos esse aspecto singular:
Suspiram por sair os que estão dentro,
Forcejam os de fora por entrar.

Naquela noite suave¹⁰⁸

Naquela noite suave,
em que até a chuva parecia que caía mansamente,
um não sei que de vago e indefinido
trazia qualquer coisa de poesia
para o ambiente humilde da casinha pobre...

E na quietude morna de seu pequeno quarto
O moço lia, emprestado, um livro de Papini...
No rádio do vizinho,
envolvente e delicada como uma carícia,
que falava em um grande amor
desfeito pelo ciúme!
Lá fora, a chuva continuava mansamente,
e na quietude morna do pequeno quarto
tudo ia como dantes...
Apenas dos olhos pisados daquele moço triste,
Rolaram duas lágrimas de dor e de saudade.

Oferenda¹⁰⁹

¹⁰⁷ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.4-5, abril/maio, 1939*,p.8-11.

¹⁰⁸ CARRAZZONI, Adão. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.4-5, abril/maio, 1939*.p.19.

¹⁰⁹ TOMAS, Maria Carmo. *Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.4-5, abril/maio, 1939*, p.21.

A ti que tantas vezes a alegria crente
Do meu olhar, fugindo, em teu olhar sentiste...
Eu ofereço, hoje, religiosamente
O poema doloroso da minha vida triste!

Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.6, jun, 1939.

DE REBUS PLURIBUS¹¹⁰

De mim mesmo

O Fantasma do espelho! Ó Sombra na vidraça!
Com quem às vezes cruzo um desinquieta olhar!
Serás o estranho EU que a noite e o dia passa,
Suspeitoso e cruel, a me espionar?

Bairrismo¹¹¹

A cidade onde nasci
é uma cidade pobre do interior
esquecida por todos os prefeitos...

Tem um rio sujo que lhe passa ao lado
e as suas ruas, coitadas,
são mais esburacadas
do que o rosto de alguém
que teve varicela...

Mas eu, no meu grande bairrismo sem limites,
acho a minha cidade
a mais bela cidade do Universo!...

Ibirapuitã. Alegrete, ano 2, n.8 e 9, agost/set, 1939.

Do Pátio dos Milagres¹¹²

Da Vida E Do Tempo

Horas que vos desfiais, inúteis e vazias!
E a velhice que vem... e essa triste experiência
De ver que no final desses tão longos dias
Foi tão curta a existência...

Do Amoroso Esquecimento

Eu agora – que desfecho! –
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?

¹¹⁰ QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.6, jun, 1939, p.16.

¹¹¹ CARRAZZONI, Adão. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.7, julho, 1939.p.8.

¹¹² QUINTANA, Mario. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.8 e 9, agost/set, 1939.p.4-6.

Das Penas De Amor

É por teu egoísmo impenitente
Que o sentimento se transforma em dor:
O que julgas, assim, *penas de amor*
São penas de amor próprio, simplesmente...

Do Homo Sapiens

E eis que ante a infinita Criação,
O próprio Deus parou, desconcertado e mudo!
Num sorriso inventou o *homo sapiens*, então,
Para que Lhe explicasse aquilo tudo...

(título ilegível)

Conhecer a si mesmo, finalmente,
Valerá o que custa?
Com isto pelo menos pode a gente
Divertir-se de graça, à própria custa...

Tarde Chuvosa¹¹³

Esta chuvinha caprichosa e fria...
Caindo assim, indiferentemente,
Pinga e respinga todo o santo dia,
Umedecendo o coração da gente...

Quando pequeno em casa se fazia,
Ao agasalho do fogão bem quente,
Muita farinha de cachorro. E ria
O pessoal... Aquilo era excelente!

O mate doce, então, corria a roda;
Alguém cantava qualquer coisa em moda,
E a tarde toda se passava assim...

Mas, hoje (é triste lembrar agora!)
Em vez das belas reuniões de outrora,
Restam saudades que não tem fim..

¹¹³ NEVES, Gerson. *Ibirapuitã*. Alegrete, ano 2, n.8 e 9, agost/set, 1939.p.8.

b) NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS ¹¹⁴

CHAVES, Túlio Sabóia – (Livramento, RS, 1894). Médico, cronista e poeta Desempenhou atividades ligadas à imprensa, como redator da revista *Ecos do Brasil* (Genebra); *O Maragato* e *A Pátria* (Livramento, 1932); de *A Manhã* e da revista *Vitrine* (Rio de Janeiro). Foi membro do Grêmio Santanense de Letras, em 1938. No mesmo ano, foi colaborador da revista *Ibirapuitã* (Alegrete). **Bibliografia:** *À Propos d'un cas de Lipémie Diabétique*, memorial médico (Genebra); *Profilaxia das Doenças Mentais* (Rio de Janeiro); *Como se Deve Curar* (Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1941); *Medicina Cosmopsicomática* (1949); *Viva Certo*, noções de homocultura (1959); *Cine- Vida*, crônicas em periódicos de Livramento, Rio Grande do Sul. Obras inéditas: *Amor- Rex*, poemas; *Na Onda Carioca*, comédia.

CARRAZZONI, Adão de Jesus. (Uruguaiana, RS, 1916) – Atuou como jornalista, radialista e redator-secretário do *Jornal do Dia*, de Porto Alegre, em 1962; de *A Plateia*, de Livramento, entre 1966 e 1969. Foi diretor do jornal *A Razão*, de Santa Maria. Foi colaborador da revista *Ibirapuitã*, de Alegrete, entre 1938 e 1939. Folclorista. Filiado à Estância da Poesia Crioula. **Bibliografia:** *Sertão Alegre* (Porto Alegre: Gráfica Editora Lima, 1946) esquetes e anedotário; *A Mulata no Folclore Sul-Rio-Grandense* (Rio de Janeiro: Companhia Nacional do Folclore, 1948); *Folclore, História, Linguagem, Curiosidades* (ibid,1949); *Regionalismo, Tradição, Folclore*, seção permanente no *Jornal do Dia*, de Porto Alegre, sob o pseudônimo de Zé Pingado. Obra inédita: *Trovadores do Rio Grande*, antologia.

CASSES, Átila. (Alegrete, RS, 1890) - Além de promotor público, desempenhou atividade como jornalista, fundando o periódico *O Orientador*, em São Borja, em 1922. Foi diretor do jornal *Uruguai*, de São Borja, redator de *O Cidadão*, de Quaraí ; e de *A Noite Ilustrada*, do Rio de Janeiro. Colaborador da revista *Ibirapuitã*, de Alegrete, entre 1938 e 1939 Pertenceu ao Instituto Rio-Grandense de Letras, entre 1932-1934 e à Academia Rio-Grandense de Letras. Poeta. Faleceu em 29 de novembro de 1945, no Rio de Janeiro. **Bibliografia:** Poemas publicados na revista *Ibirapuitã*: A balada da saudade (v. 8 e 9, ano 1); Seus olhos (v. 6 e 7,

¹¹⁴ Durante a realização desta pesquisa não foram encontradas informações acerca dos seguintes autores: Lady Nagibe e Maria do Carmo Tomas.

ano 1); Fariseus (v.2, ano 2). *Stradivarius* (Rio de Janeiro: A Noite, 1943); peça teatral *Antipirética*.

LEIRIA, João Otávio Nogueira. (São Francisco de Assis, RS, 1908) - Foi advogado, jornalista, ensaísta e poeta. Redator do jornal *Correio do Povo* por longo período. **Bibliografia:** *Campos de Areia*, poemas (Porto Alegre: Editora Globo, 1932, 1 Ed, 84 p.); *Teiniaguá*, trecho de poema (Revista Província de São Pedro. Porto Alegre: Editora Globo, n. 2); *Érico Veríssimo e os Novos Rumos do Romance Gaúcho*, ensaio (Revista Província de São Pedro. Porto Alegre: Editora Globo, 1951. n.16); *Rincões Perdidos*, poemas (Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1968, 1 Ed, 131 p.); *Martin Fierro*, tradução (Porto Alegre: Editora BELS, 1 Ed. 1972, 140 p.)

MILANO, Antonio Brasil. (Alegrete, RS, 1914; Alegrete, RS, 1973) - Além de advogado e Delegado Regional de Polícia, atuou junto à imprensa como diretor do mensário *Ibirapuitã* nos anos 60, além de colaborar com este já nos anos 30. Poeta, publicava eventualmente sob o pseudônimo de Assis do Vale. Faleceu em 10 de agosto de 1973, em Alegrete. **Bibliografia:** *Canções de Todos os Tempos*, poemas (Cadernos do Extremo Sul, Alegrete, n.5, 1959); *Barcos de Papel*, poemas (Cadernos do Extremo Sul, Alegrete, Liv. Do Comércio, n.5, 1954); *Fantasia em Tom de Lenda* (Cadernos do Extremo Sul, Alegrete, Tipografia Tupi, n.19, 1967); *Tempo Parado*, poema (Correio do Povo, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 24 de out.1970); *Rimas Fora do Tempo*, poemas (Cadernos do Extremo Sul, Alegrete, n.25, 1972); *Passageiro do Tempo Breve* (Criar Edições Ltda, Curitiba, 1982).

FILHO, José Leal (Juca Ruivo). (Quaraí, RS, 1904; Porto Alegre, RS, 1972) – Além de Engenheiro Agrônomo, foi músico e poeta. **Bibliografia:** *Tradição*, poemas (Porto Alegre: Livraria do Globo, 1957).

NEVES, Gerson Martellet Andrade. (Alegrete, RS, 1917) – Poeta, colaborou com diversos jornais do Estado, incluindo a *Gazeta de Alegrete*. Funcionário do Banco do Brasil. **Bibliografia:** Poemas publicados na revista *Ibirapuitã*: Tarde chuvosa (v. 8 e 9, ano 2); O miserável (v.3, ano 1); Povo da Lata (v.2, ano 1).

QUINTANA, Mario Miranda. (Alegrete, RS, 1906; Porto Alegre, RS, 1994) - Em 1926, empregou-se na Livraria do Globo. Em 1929, passou a fazer parte da redação do jornal O Estado do Rio Grande. Realizou traduções de obras autores consagrados da literatura ocidental, como Balzac, Voltaire, Proust, Virgínia Woolf. Em 1939, manteve a coluna “De Rebus Pluribus” na revista *Ibirapuitã*, que em seus dois últimos números passa a se chamar “Do Pátio dos Milagres” (1939). **Bibliografia:** *A Rua dos cataventos*, sonetos (1940); *Canções* (1946), cantigas de roda e acalantos ; *Sapato florido* (1948), poemas em prosa; *O aprendiz de feiticeiro* (1950), poemas em verso livre; *Espelho mágico* (1951); epigramas; *Poesias* (1962), reunião dos livros anteriores; *Antologia Poética* (1966); *Caderno H* (1973), textos curtos; *Apontamentos de História sobrenatural* (1976); poemas; *A vaca e o hipogrifo* (1977); *Esconderijos do tempo* (1980); *Baú de espantos* (1986); *Da preguiça como método de trabalho* (1987); *Preparativos de viagem* (1987); *Porta giratória* (1988); *A cor do invisível* (1989); *Velório de defunto* (1990).

c) Material iconográfico

Capas

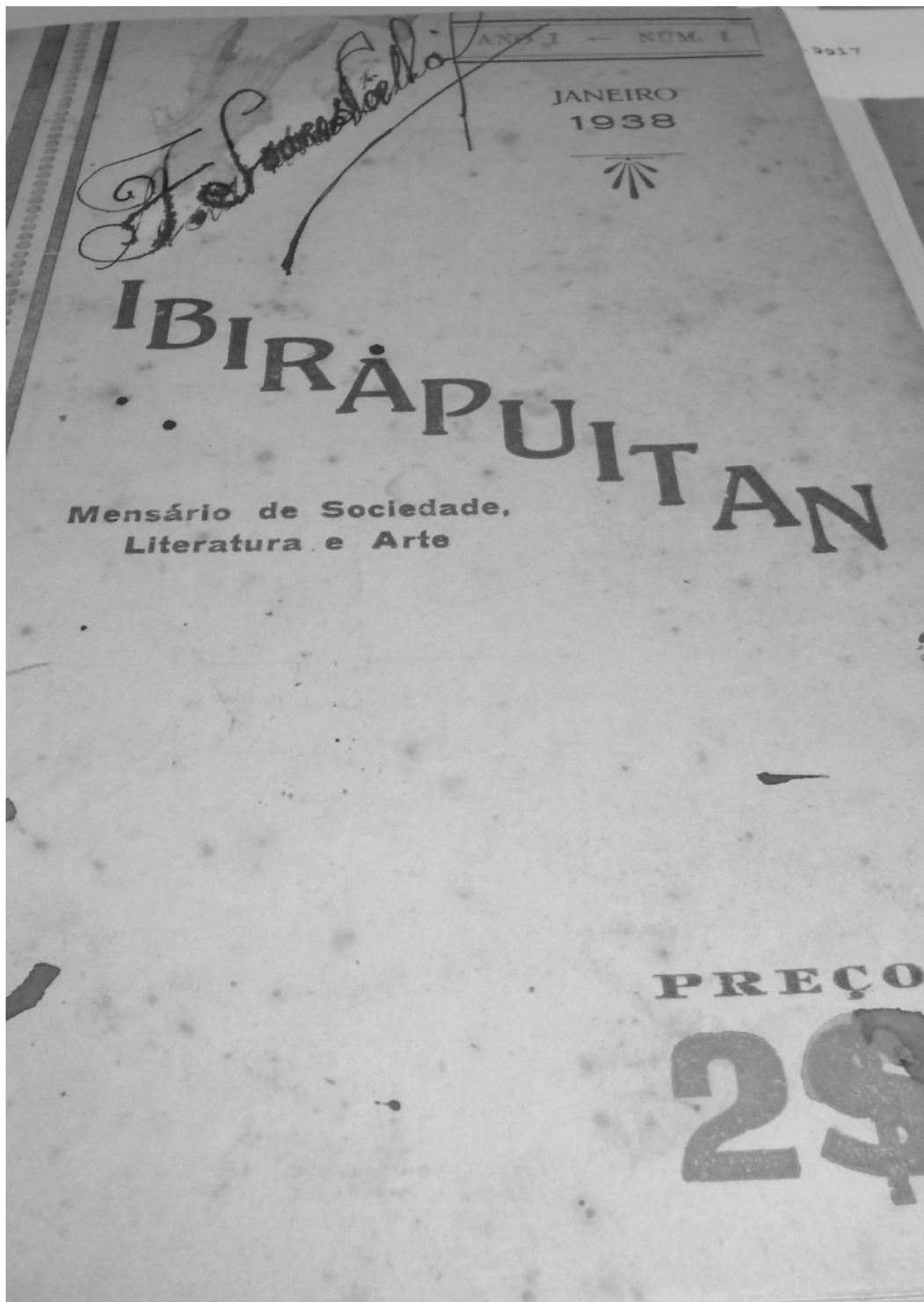


Figura 1

Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte. Ano 1, n.1. Alegrete, Janeiro de 1938.

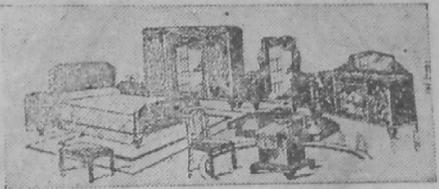


Figura 2

Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte. Ano 1, n. 6 e 7. Alegrete, Junho/Julho de 1938. (capa)

5.4.2 Publicidade

A Defeza dos Noivos
— CASA FUNDADA EM 1925 —
A maior e melhor fabrica e deposito de moveis
— DE —
JACOB KNIJNIK
Completo sortimento de moveis desde os mais
finos aos mais simples, pelos menores preços
Cadeiras e mobílias de sala, trabalhos artisticos e modernos



MANTEM SEMPRE EM DEPOSITO COLCHÕES
DE LÃ, CRINA VEGETAL E MILHÃ
ACEITAM-SE ENCOMENDAS
CONCERNENTES AO RAMO
Rua dos Andradas, 101 e 103
Telf., 123 — End. Teleg. KNIJNIK

Exposição permanente á
rua Gaspar Martins, Esquina
Andradas

Figura 3

A Defeza dos Noivos. *Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Ano 1, n.1. Alegrete, Janeiro de 1938. (p.3)

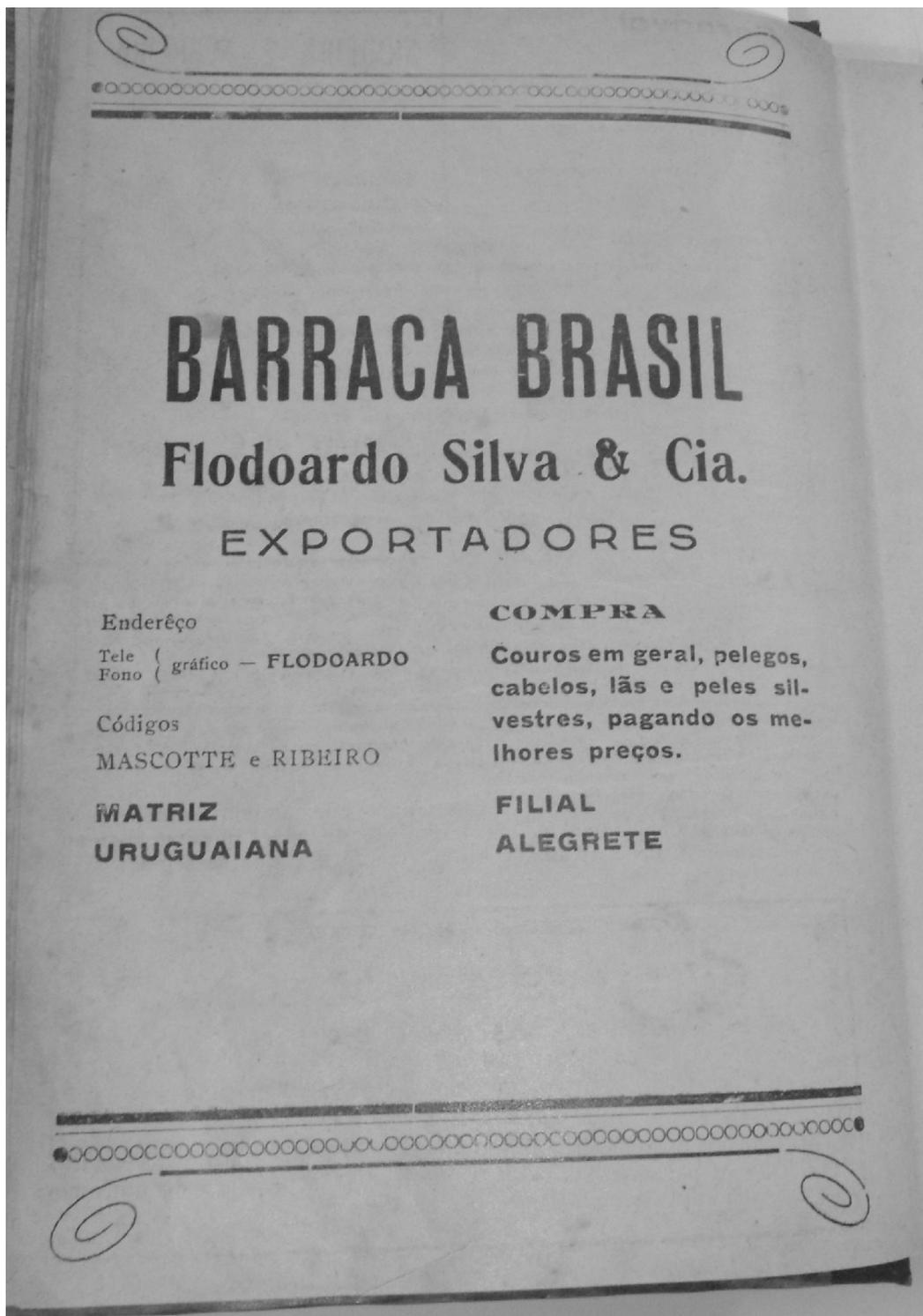


Figura 4

Barraca Brasil. *Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte.* Ano 1, n.1. Alegrete, Janeiro de 1938.

(p.9)

5.4.3 Diversos

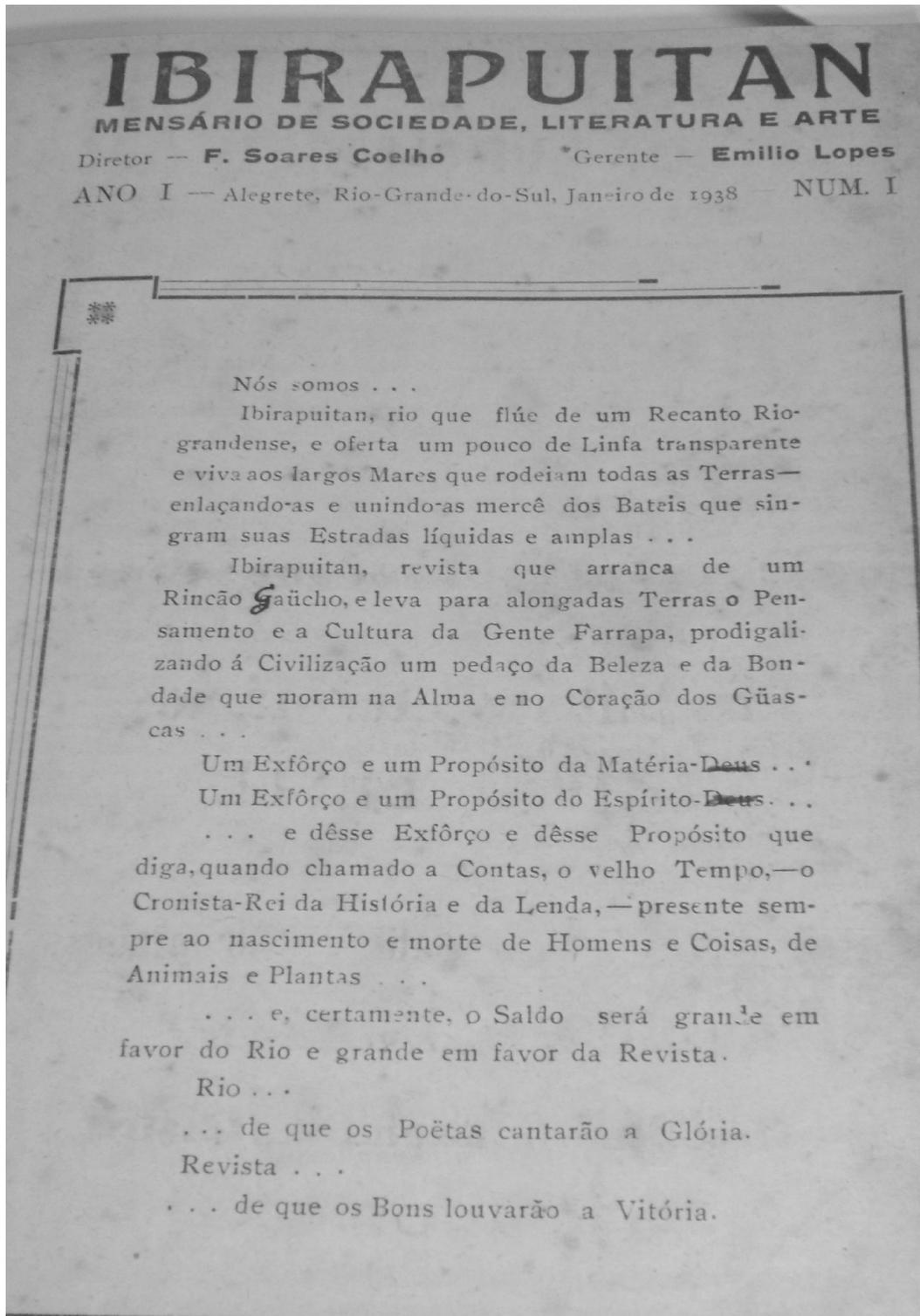


Figura 5

Editorial. *Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Ano 1, n.1. Alegrete, Janeiro de 1938. (p.1)

PLURIBUS

Da sátira

o morto. Ela, aos ais.
este lúgubre assunto,
o viva é o defunto...
esse não casa mais.

A sátira é um espelho. Em sua face nua,
Fielmente refletidas,
Descóbres, de uma em uma, as caras conhecidas
E nunca vês a tua...

Da ciência

a ciência de nada serve à gente.
Fico tardio, distraído:
a orjar receitas quando o doente
está perdido...

Da voluptuosidade

Tudo, mesmo a velhice, e mesmo a doença,
Comporta o seu prazer.
E até o pobre moribundo pensa
Na mais suave maneira de morrer...

Da indulgência

traz venturas, certamente.
o conforto... E em verdade vos digo,
a chorar junto à lareira quente
na rua, ao desabrigo.

Não perturbes a paz da tua vida.
Acólhe a todos igualmente bem.
A indulgência é a maneira mais polida
De desprezar alguém...

Do da filosofia

o burrico mourejando à nora,
a sempre as mesmas voltas dá...
alguma nos ocorrerá
a escrito um sábio grego outrora...

Do mal e do bem

Todos têm seu encanto: os santos e os corruptos.
Não há coisa, na vida, inteiramente má.
Tu dizes que a verdade produz frutos...
Já viste as flôres que a mentira dá?

MARIO QUINTANA

Figura 6

QUINTANA, Mario. Coluna "De Rebus Pluribus". *Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Ano 2, n. 2. Alegrete, fevereiro de 1939. (p.17)

Do «Pátio dos Milagres»



MARIO QUINTANA

Do tédio de escrever	Escrever ... Mas por quê? Por vaidade, está visto ... Pura vaidade, escrever! Pegar da pena ... Olhai que graça terá isto? Si já se sabe tudo o que se vai dizer!...
Da infiel companheira	Como um cego, grita a gente: "Felicidade, onde estás?" Ou vai-nos andando à frente ... Ou ficou lá para trás ...
Da preguiça	Suave Preguiça, que do máu-querer E de tolices mil ao abrigo nos pões ... Por causa tua, quantas más ações Deixei de cometer!
Da mediocridade humana	Nossa alma, incapaz e pequenina, Mais que diatribes, o perdão merece. Si ninguém é tão bom quanto imagina, Também não é tão máu como parece.
Da boa e da má fortuna	E' sem razão, e é sem merecimento, Que a gente à Sorte maldiz: Quanto a mim, sempre odiei o sofrimento, Mas nunca soube ser feliz ...
Da caridade	Si se pudesse dar, indefinidamente, Mas sem, do que se deu, nada perder, em suma, Ainda assim, muita gente Nunca daria cousa alguma ...
Da amarga sabedoria	Conhecer a si mesmo e aos outros ... Vêr ao mal Com mais clareza ... O' triste e doloroso dom! E sofrer mais que todos, no final ... Sem o consolo de ter sido bom.

Figura 7

QUINTANA, Mario. Coluna "Do Pátio dos Milagres". *Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte.*

Ano 2, n.7. Alegrete, julho de 1939. (2)